



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**CATIA DE FARIAS GUEDES**

Investigação da Impulsividade pela Prova de Rorschach em Policiais Militares  
do Comando de Missões Especiais da Polícia Militar do Pará

BELÉM  
2009

**CATIA DE FARIAS GUEDES**

Investigação da Impulsividade pela Prova de Rorschach em Policiais Militares  
do Comando de Missões Especiais da Polícia Militar do Pará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de mestre em Psicologia, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cleide Guedes Moreira e Co-orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Digna de Souza.

BELÉM  
2009

**CATIA DE FARIAS GUEDES**

Investigação da Impulsividade pela Prova de Rorschach em Policiais Militares  
do Comando de Missões Especiais da Polícia Militar do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Profª. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira  
Universidade Federal do Pará

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Roseane Freitas Nicolau  
Universidade Federal do Pará

*Ao meu marido **Hugo**, moreco, companheiro e amigo de todas as horas, guardião da paz e da ordem em nosso lar, pai zeloso e cuidadoso, quase uma mãe nos momentos de minha ausência.*

*Aos meus filhos **Maria** e **Matheus**, razões da minha vida, pelo amor tão explicitamente demonstrado e pelo respeito ao tempo e espaço deles roubados para a concretização dessa empreitada.*

*Aos meus pais **Guédes** e **Hilda**, sempre presentes em minha vida, que me criaram de forma Cristã e me ensinaram os valores morais que hoje tenho. Responsáveis pelo o que me tornei e grandes incentivadores do conhecimento e da vontade de vencer na vida.*

*Aos meus sogros **Rubem** e **Léa**, porto seguro e hotel cinco estrelas, recurso farto de amor e ajuda aos netos nas horas de minha ausência.*

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida, por tudo o que tenho e por tudo o que sou, e pela força **Nele** encontrada durante toda a minha existência.

À **Flora**, minha mana e minha chefe, pela compreensão e grande ajuda na realização dessa pesquisa.

À **Jesiane**, amada amiga, grande incentivadora e guindaste nos tropeços dessa caminhada.

Aos **Policiais Militares** que com boa vontade aceitaram participar da pesquisa e que sempre estiveram dispostos a contribuir para o crescimento da ciência.

À **Dra Ana Cleide Guedes Moreira**, querida orientadora, pela mão estendida, pela confiança e visão diferenciada da arte de ensinar e aprender.

À **Dra Ana Maria Digna**, co-orientadora, idealizadora da pesquisa, pelos primeiros passos.

À **Dra Roseane Nicolau**, Coordenadora do Programa de mestrado, pelo empenho no desenvolvimento do programa de pós-graduação.

À **Dra Airle Miranda**, pelo carinho e atenção.

Aos **Professores Doutores** que, ao longo dessa jornada, contribuíram com sabedoria e conhecimento, compartilhando experiência acadêmica e de vida.

Ao **Ney**, Secretário do Programa de Mestrado, pelo carinho, atenção e, principalmente, dedicação na resolução da burocracia acadêmica.

Ao **Cel PM Dário**, Comandante Geral da PMPA, que autorizou o desenvolvimento do trabalho na Corporação.

Aos **Cel PM Osmar**, Diretor de Pessoal da PMPA, pelo apoio prestado.

Ao **Cel PM Solano**, que quando na função de Comandante do Comando de Missões Especiais, contribuiu para o desenvolvimento do trabalho no CME.

Ao **Maj. Regateiro** e **Maj. César**, caveiras exemplares, pela amizade e respeito demonstrado em suas ações, no reconhecimento da importância da Psicologia na vida militar.

*Não somos heróis, como esperam que sejamos;  
Nem tão pouco somos imortais, como por vezes nos julgamos quando  
no cumprimento de nossa missão nos expomos mais do que devemos.  
Não podemos estar em todos os lugares e evitar todos os crimes que  
acontecem. Não somos Onipresentes, nem tão pouco Onipotentes.  
Somos simplesmente homens. Comemos (nem sempre na hora certa),  
dormimos (menos do que deveríamos) e morremos (mais do que  
imaginamos).  
Somos profissionais treinados para cumprir a lei e determinados em  
defender a sociedade e a nossa Bandeira.  
Em nossa formação, ou TRANSformação, passamos frio, fome, medo,  
sufoco, raiva, cansaço e coisas que não valem a pena lembrar... Só  
quem viveu sabe a que me refiro.  
Mas estamos aqui, imperfeitos, como todos, apaixonados pela  
profissão, como muitos, e correndo o risco de morrer no cumprimento  
do dever, como poucos...*

*Catia Guedes.*

## RESUMO

GUEDES, C. F. **Investigação da Impulsividade pela Prova de Rorschach em Policiais Militares do Comando de Missões Especiais da Polícia Militar do Pará.** 2009. 91 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

O presente trabalho surgiu do desejo em compreender o aparecimento da variável impulsividade que no projeto de pesquisa trouxemos como hipótese, que policiais militares de Missões Especiais apresentariam respostas de impulsividade mediante resultados em avaliações anteriores com outros testes como o Palográfico e o Wartegg. A impulsividade nos inquietou pelo fato de fazer parte dos critérios de corte em seleção para o exercício das funções policiais militares. A proposta de nossa pesquisa em utilizar a Prova de Rorschach como instrumento de investigação consolidou-se pela propriedade do teste em avaliar a dinâmica da personalidade e por ser uma técnica projetiva. O método escolhido teve um delineamento quantitativo e qualitativo e foram destacados do instrumento os fatores relevantes à investigação dos indícios de impulsividade. Os sujeitos correspondem a 20% do efetivo operacional da tropa pesquisada e foram selecionados segundo critérios baseados na função que exercem, permanência na unidade, dentre outros. Com a pesquisa, refutamos a hipótese inicial e constatamos que a impulsividade interpretada anteriormente apresentou-se como prontidão e imediatismo de atitudes, e que mesmo com índice Imp elevado, o grupo apresentou recursos de controle interno satisfatórios para que a impulsividade não se torne prejudicial ou mesmo interfira em suas funções operacionais. Discuti-se sobre a possibilidade de investigação de um escore específico para o tipo de atividade policial especial desenvolvida por esse grupo ou por outros de atividades semelhantes, pois, no caso em questão, mesmo que 80% do grupo não tenha correspondido ao resultado esperado na fórmula de impulsividade, em nenhum dos sujeitos os outros elementos relacionados às respostas de Cor e Forma confirmaram a fórmula, o que leva a conclusão de que a impulsividade está presente no grupo, porém, não se apresenta de forma prejudicial e sim contida.

Palavras-Chave: Impulsividade. Prova de Rorschach. Policial Militar. Missões Especiais.

## ABSTRACT

GUEDES, C. F. **Investigation on Impulsiveness by using the Rorschach Test on Uniformed Police Personnel of the Special Missions Command of the Uniformed Police of the State of Pará, Brazil.** 2009. 91 pp. Master's dissertation - Institute of Philosophy and Humanities, Federal University of Pará, Belém, Brazil, 2009

This dissertation arose from the desire to understand the presence of the variable of impulsiveness. The research project had led to the hypothesis that uniformed police personnel in the Special Missions Command would show responses of impulsiveness, based on findings in previous research using other testing instruments, such as the Palographic Test and the Wartegg Test. The characteristic of impulsiveness intrigued us because it is one of the criteria for rejecting candidates for the exercise of police functions. The purpose of using the Rorschach Test as an instrument of investigation was due to its adequacy for appraising the dynamics of the personality and because it is a projective technique. The method chosen was delineated quantitatively and qualitatively, and factors relevant to an investigation on impulsiveness carried special weight on the instrument. The subjects corresponded to 20% of the total members of the troop studied and were chosen on the basis of the function they exercised and the length of time they had been in the unit, as well as other criteria. The findings led us to refute the initial hypothesis; it was seen that the impulsiveness detected in the earlier study could be better classified as readiness and immediatism of attitudes. Even with a high Imp rate, the group showed capacity for satisfactory interior control to prevent impulsiveness from becoming prejudicial or interfering in their operational functions. The possibility of investigating a specific score for the type of police activity carried out by this group or by others in similar operations is discussed. In the case at hand, even though 80% of the group did not correspond to the expected results in the formula on impulsiveness, other factors related to the responses of Color and Shape failed to confirm the formula in any of the subjects. This leads to the conclusion that impulsiveness is present in the group but it does not appear as prejudicial, but rather, contained.

Keywords: Impulsiveness. Rorschach Test. Uniformed Police. Special Missions.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS REFERENTES À POLÍCIA MILITAR

APM	Academia de Polícia Militar
ASP	Aspirante
BPA	Batalhão de Polícia Ambiental
BPCHQ	Batalhão de Polícia de Choque
BPM	Batalhão de Polícia Militar
BPOP	Batalhão de Policiamento Penitenciário
BPOT	Batalhão de Policiamento Tático
CAD	Cadete
CAP	Capitão
CB	Cabo
CDC	Controle de Distúrbios Cívicos
CEL	Coronel
CIEPAS	Companhia Independente Especializada de Policiamento Assistencial
CIPC	Companhia Independente de Policiamento com Cães
CIPOE	Companhia Independente de Policiamento Escolar
CIPTUR	Companhia Independente de Policiamento Turística
CME	Comando de Missões Especiais
COE	Companhia de Operações Especiais
CPC	Comando de Policiamento da Capital
CPE	Comando de Policiamento Especializado
CPFLU	Companhia de Policiamento Fluvial
CPR	Comando de Policiamento Regional
CPRM	Comando de Policiamento Regional Metropolitano
GRAER	Grupamento Aéreo
MAJ	Major
OE	Operações Especiais
PM	Polícia Militar ou Policial Militar
PMPA	Polícia Militar do Pará
QCOPM	Quadro Complementar de Oficiais da Polícia Militar
QOPM	Quadro de Oficiais da Polícia Militar
QPPM	Quadro de Praças da Polícia Militar
RPMON	Regimento de Polícia Montada
SD	Soldado
SGT	Sargento
SUB TEM	Sub Tenente
T CEL	Tenente Coronel
ZPOL	Zona de Policiamento

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS REFERENTES AO RORSCHACH

R	Resposta
TR	Tempo de Reação
G	Resposta global
Ø	Global cortada
DG	Detalhe que vira global
D	Detalhe
DdD	Detalhe pequeno que vira detalhe
Dd	Detalhe pequeno
Dr	Detalhe raro
Dbl	Detalhe branco
Ddbl	Detalhe pequeno branco
F	Resposta de Forma
F+	Forma positiva
F+/-	Forma positiva, semelhante a do atlas
F-	Forma negativa
K	Movimento humano
Kan	Movimento animal
Kob	Movimento de objetos ou de forças da natureza
Kp	Parte da figura humana ou do animal em movimento ou figura humana inteira (Dd) em movimento
FC	Forma predominante sobre a cor
CF	Cor predominante sobre a forma
C	Cor
FC'	Forma predominante sobre a cor em preto e branco
CF'	Cor predominante sobre a forma em preto e branco
C'	Cor em preto e branco
FE	Forma predominante sobre o esfumado
EF	Esfumado predominante sobre a forma
E	Esfumado
Fclob	Forma e impacto sobre o negro
ClobF	Impacto do negro predomina sobre a forma
Clob	Impacto do negro
CN	Cor nomeada
H+	Figura humana sem distorções
H-	Figura humana com conotações negativas
(H+)	Ser mitológico ou fantasioso com conotação positiva
(H-)	Ser mitológico ou fantasioso com conotação negativa
H/regress.	Figuras de bebês
H/obj.	Bonecos, espantalhos, fantoches, em movimento
H/caric.	Caricatura da figura humana inteira

Hd	Partes do corpo humano
(Hd)	Parte do corpo de seres mitológicos ou fantasiosos
A	Animal
(A)	Animal mitológico, fantasioso ou inexistente
Ad	Partes de animal
(Ad)	Partes do animal mitológico, fantasioso ou inexistente
B	Resposta Banal (equivalente a V, resposta vulgar)
O	Resposta Original
Anat.	Anatomia
Frag.	Fragmentos (nuvem, poeira, fumaça, pedra, lasca de madeira)
Bot./Pl.	Botânica/Planta
Sexo	Sexo (órgão genital)
Art.	Arte
Sang.	Sangue
Pais.	Paisagem
Geo.	Geografia
Nat.	Natureza
Fogo	Fogo
Arq.	Arquitetura
Simb.	Símbolo
Abst.	Abstração
Masc.	Máscara
Alim.	Alimento
Cienc.	Ciências
Obj.	Objeto
Radiog.	Radiografia
Geom.	Geometria
Cena	Cena
Alfabeto	Alfabeto

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	<b>13</b>
1 CONTEXTUALIZANDO A POLÍCIA MILITAR DO PARÁ: BREVE HISTÓRIA DA CORPORÇÃO.....	<b>18</b>
2 IMPULSIVIDADE.....	<b>26</b>
3 A PROVA DE RORSCHACH.....	<b>32</b>
3.1 Descrição e Análise das Pranchas.....	34
3.2 Codificação das Respostas.....	37
3.3 Fenômenos Especiais.....	45
3.4 Fórmulas Vivenciais.....	49
Introversivo.....	51
Extratensivo.....	51
Coartado e Coartativo.....	52
4 IMPULSIVIDADE NA PROVA DE RORSCHACH.....	<b>52</b>
5 MÉTODO.....	64
5.1 Procedimentos.....	64
5.2 Participantes.....	65
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	<b>66</b>
7 CONCLUSÃO.....	82
8 DISCUSSÃO.....	<b>84</b>
9 REFERÊNCIAS.....	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu do interesse em investigar indícios de impulsividade em um segmento das tropas do Comando de Missões Especiais (CME) da Polícia Militar do Pará (PMPA), utilizando a prova de Rorschach como instrumento.

Por ser psicóloga efetiva da Polícia Militar do Pará, compreendo que ela é uma Instituição secular, e que em seu universo desenvolve atividades de segurança pública em diversas modalidades. As especialidades vão surgindo conforme a necessidade da sociedade e sendo garantidas pela Secretaria de Segurança Pública. Os projetos de parceria com as comunidades e com outros órgãos do Estado fazem da PM uma Instituição presente em todas as camadas da sociedade, que significa saber que onde existir um cidadão, lá estará a Polícia Militar.

A sociedade dos dias atuais que se apresenta com problemas sociais como a fome, o desemprego, a desigualdade, a exclusão velada, a criminalidade, a discriminação, que se faz geradora de outros problemas no círculo familiar, pessoal, financeiro e afetivo, é a mesma sociedade que oferece a mão de obra a ser qualificada como policiais militares e devolvidos à sociedade com a roupagem de autoridade e poder.

Para Santinelli (2006), muitos pretendentes à vaga na corporação militar, migram de outras profissões sem ter a consciência do que seja o regime militar, ou mesmo, sem que tenham vocação para o exercício da atividade policial militar, pois procuram apenas por estabilidade e até status.

Desta forma, desenvolvendo nossas atividades profissionais como psicóloga da PMPA há 14 anos, servindo há 12 em unidades do Comando de Missões Especiais - CME, surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa por conviver com a tropa e perceber que o empenho e a dedicação por eles investidos na atuação profissional, é intenso e prazeroso.

Por serem tropas especializadas com qualificação através dos treinamentos pesados e constantes, os policiais de Missões Especiais permanecem muito tempo desenvolvendo a mesma atividade pela experiência que adquirem executando a sua missão, o que pode causar certa dessensibilização em relação a alguns valores fundamentais, como a preservação da própria vida.

Nesse convívio constatamos por boletins internos, que contém o registro das ocorrências diárias de cada unidade específica e ainda em documentos como portarias, normas

gerais de ação e planos de instrução, que as Unidades do CME criam sua própria doutrina, de acordo com a necessidade e a especificidade de sua missão. Nesses ditos percebemos que o compromisso com o êxito e a plenitude de ações, acaba por aproximá-los do perfil de profissionais ideais, pelo nível de dificuldade e complexidade de suas missões.

No grupo avaliado, há uma espécie de bloco coeso e indivisível, uma unidade de orgulho e soberania com a sensação do dever cumprido e da confirmação da superioridade que extrapola o nível profissional.

Com base nessa observação anterior e, ainda, se a ciência nos permite citar um dos grandes achados da arqueologia no que diz respeito à sabedoria milenar dos chineses, trazemos os ensinamentos de Sun Tzu (1994) em que diz: “Uma vez que os homens tenham sido fundidos como um corpo único, o corajoso não terá de avançar sozinho, o covarde não recuará sozinho. Tal é a arte de empregar tropas numerosas”. (p.66)

Quando esses policiais falam sobre suas investidas nas missões em que um companheiro em perigo foi resgatado de forma impetuosa e perigosa, dizem do prazer proporcionado ao poder salvá-lo. Inferimos até que não só pela preservação da vida do companheiro, mas também, e por que não, pela constatação de que são capazes de enfrentar perigos e intempéries pelo prazer de serem elogiados e reconhecidos como heróis.

Retomando o poder das doutrinas em transformar valores e codificar condutas, independente da inter-relação, destacamos algumas considerações importantes. Segundo informações da diretoria de ensino da PM, as doutrinas podem sofrer modificações com o passar dos anos, com o aperfeiçoamento de técnicas e com o avanço da tecnologia.

Podemos considerar como exemplo de cursos formadores, o curso de ‘Controle de Distúrbios Civis’ (CDC) e o curso de ‘Operações Especiais’ (OE). O CDC é formação obrigatória para o efetivo de qualquer Tropa de Choque das Polícias Militares do Brasil, em que são ensinadas as manobras e formações específicas de uma atuação de Choque, bem como o manuseio de armas não letais como bastões, tonfas, gases e outras técnicas. No curso de ‘Operações Especiais’, são ensinadas técnicas de sobrevivência e manuseio de artefatos explosivos e de alta complexidade, exercícios de ações táticas especiais como invasão de casas penais e retomada de reféns, bem como a aproximação máxima da realidade em tarefas e exercícios exaustivos.

Esses cursos são oferecidos por diversas Corporações como as PMs de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Pará e de outros Estados. Dependendo do local onde o Policial da tropa de Choque é formado, ele adquire conhecimentos e doutrinas daquela Corporação, o que às vezes torna-se um problema, pois várias doutrinas são tomadas como certas. O que já difere

dos cursos de Operações Especiais, que possuem uma doutrina nacional, independente da corporação formadora.

Essas doutrinas, carregadas de juízos de valores por vezes questionados por civis e até mesmo militares de outras tropas, é que vêm sustentar o desejo de investigar a conduta de policiais na manutenção do *status* de ‘ser elite’, mesmo com a suposta presença de atos não aceitos, como no caso, impulsivos.

Para Silva e De Marchi (1997), a importância do trabalho para o bem-estar e a saúde das pessoas, fica clara ao lembrarmos que é trabalhando que passamos a maior parte da nossa vida enquanto estamos acordados; é no trabalho, ou por meio dele, que realizamos grande parte de nossas aspirações. Poderíamos assim até considerar uma incoerência associar condutas impetuosas e carregadas de adrenalina, com bem-estar pessoal, mas assim não nos parece, pois, no convívio com esses policiais, percebemos uma grande satisfação profissional em realizar esse tipo de atividade.

Então, diante da variedade de atividades e indivíduos que vestem a farda da PM, confirmou-se o interesse em desenvolver esse estudo com as tropas de missões especiais por serem formadas por policiais que já passaram por uma seleção posterior à de ingresso na Instituição, e vivenciam uma realidade de supremacia operacional, onde são exigidos com rigor e são treinados com técnicas especializadas.

Podemos então dizer que a temática da impulsividade vem nos inquietando desde 1995, a partir do primeiro processo seletivo do qual participamos. No período, quando eram aplicados testes expressivos como o Palográfico e o Wartegg, a impulsividade, definida por esses instrumentos em um capítulo posterior específico sobre o assunto, era considerada – como o é até hoje – um dos critérios de corte utilizados em seleção, não sendo desejável no perfil de um policial militar.

Justamente, o que nos inquietava, era o fato de que policiais, que eram considerados bons e adaptados ao trabalho, sem quaisquer problemas de conduta ou atitudes inadequadas e muitos deles até condecorados por atos de bravura e bons serviços, apresentavam respostas ou indícios de impulsividade nos testes à época aplicados.

Tínhamos os resultados das avaliações psicológicas com base em uma bateria extensa que nos fornecia dados sobre inteligência, habilidades específicas e características de personalidade. A impulsividade e a agressividade, no sentido da energia, como preferimos entender, eram recorrentes nos resultados dos policiais de missões especiais.

Com essa preocupação, durante os cursos/treinamentos específicos, esses policiais eram monitorados em suas atitudes, por parte dos coordenadores e instrutores, que ao final da

jornada não confirmavam tal hipótese, nos informando de atitudes e posturas esperadas diante das tarefas e missões exigidas durante o treinamento, que embora nos pareçam em alguns momentos exageradas ou até bizarras, eram ideais diante da missão.

Apesar do não comprometimento dos referidos policiais em atitudes por eles tomadas no exercício de suas funções, insistimos em investigar a existência ou não da impulsividade como característica de personalidade desses policiais.

Portanto, a presente pesquisa nos reporta a um assunto ainda pouco explorado no que diz respeito à população policial militar – a impulsividade, apesar da convicção de sua indesejável presença, e nesse estudo, com o auxílio da prova de Rorschach, com os recursos que ela nos empresta, nós pudemos investigar a existência ou não dessa característica.

Para um melhor entendimento do que significa esse estudo para a comunidade científica e para os policiais militares, falaremos sobre todos os envolvidos no processo, como o cenário, os atores, o enredo e os instrumentos que nos permitiram entender os resultados finais.

No primeiro capítulo, contextualizaremos a Polícia Militar do Pará, para que o leitor possa ter uma melhor compreensão sobre o assunto discorrido. Faremos um percurso sobre o cenário no qual se desenvolveu a pesquisa, pois esse entendimento da realidade policial militar pode ser de grande valor diante da idéia formada pela mídia e endossada por parte da população sobre o imaginário social de um agente de segurança pública, o policial militar (PM) que, infelizmente, traz consigo o estigma de violência e corrupção.

Tentaremos satisfazer o leitor sobre o que significa pertencer à elite da Segurança Pública e como funciona a dinâmica da Instituição Polícia Militar do Pará. Em contrapartida, ao relacionar essa visão institucional histórica e cultural com temas científicos como a impulsividade e a prova de Rorschach, enfrentamos um grande desafio, pois desenvolvemos uma pesquisa com sujeitos, servidores públicos e que, independente de patentes, submeteram-se à investigação de características pessoais que poderiam ou não confirmar sua imagem diante da comunidade. Queremos mostrar o outro lado, os intramuros dos quartéis e da Corporação, ou seja, o contexto onde esses sujeitos são forjados profissionalmente e desenvolvem suas atividades operacionais.

No segundo capítulo então, falaremos sobre a impulsividade e suas implicações. O seu embasamento teórico e científico de estudiosos do assunto. Traremos os significados referentes às técnicas projetivas, principalmente na prova de Rorschach, nosso instrumento de investigação.



No terceiro capítulo trataremos os aspectos relevantes do instrumento utilizado, o Rorschach, com os recortes necessários à análise da impulsividade.

O quarto capítulo apresentará os resultados obtidos após a avaliação quantitativa e qualitativa da amostra pesquisada.

Encerraremos nossa apresentação com a conclusão especificando a importância e relevância desse estudo e com a discussão de dados inconclusivos.

O alcance principal do trabalho foi fazer um estudo da ação impulsiva e suas manifestações na prova de Rorschach, que poderá ser utilizado como critério de perfil para o processo seletivo do homem de missões especiais.

Embora seja de difícil aceitação por ser polêmica, a justificativa do estudo foi tão óbvia quanto à convicção do problema: a necessidade de primar pela seleção, de forma a não permitir que policiais com perfil de personalidade inadequado venham a pertencer a um grupo de policiais expostos a treinamentos exaustivos e missões com alto nível de periculosidade e risco de vida, como são os integrantes da tropa de missões especiais, e o desafio de escolhermos a impulsividade como conduta a ser investigada, torna-se maior quando damos relevância ao seu oposto – o ‘autocontrole’, na atividade policial militar.

Assim, o presente trabalho se desenvolveu, de modo a colaborar com a Instituição, esclarecendo parâmetros possíveis e administrando os imensuráveis, polemizando o presente na busca de soluções por uma polícia melhor no futuro.

## **1 CONTEXTUALIZANDO A POLÍCIA MILITAR DO PARÁ: BREVE HISTÓRIA DA CORPORAÇÃO.**

A Polícia Militar do Pará é a Instituição do Governo do Estado, responsável pela Preservação e Manutenção da Ordem Pública, presente no combate ao crime, na garantia dos direitos, da cidadania, e sua principal meta é a Segurança da Sociedade.

O Policial Militar é uma figura de autoridade com poderes assegurados pela Constituição Federal (art. 144 §5º) “Às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública (...)” e, considerando as peculiaridades do trabalho exercido, que implicam agentes estressores significativos, como escalas de serviço por vezes irregulares, longas jornadas de trabalho ininterrupto, o fato de o policial ser responsável por vidas alheias, combater o crime e, principalmente, ter como instrumento de trabalho uma arma de fogo, o policial acaba por ter uma missão ingrata: resolver os problemas da sociedade que a própria sociedade não tem condições de resolver.

Segundo Machado<sup>1</sup> (1994), a Polícia Militar construiu sua história a partir de 1818, é regida por dois preceitos de ordem que são a Hierarquia e a Disciplina, que são a base institucional da PM caracterizada por princípios, normas e regulamentos próprios, e que fazem parte da rotina diária de cada policial militar e também do seu processo de formação profissional, sendo esses dois pilares responsáveis pelo delineamento de posturas e condutas perante a sociedade durante a sua atuação profissional.

Ainda segundo Machado (1994), a Disciplina consiste em que o policial cumpra suas obrigações profissionais de forma ilibada respeitando o regulamento, cumprindo horários e zelando pela apresentação pessoal, entre outros. A Hierarquia é a ordenação da autoridade em níveis diferentes, sendo distribuída em postos ou graduações, conforme a patente do militar e sua locação nos quadros funcionais.

A denominação de ‘posto’ refere-se à patente dos oficiais e a denominação de ‘graduação’ à patente das praças.

Os oficiais e praças dividem-se em círculos. Pertencem ao Círculo de Oficiais Superiores os postos de Coronel, Tenente Coronel e Major. O Círculo de Oficiais

---

<sup>1</sup> Cel PM Francisco Ribeiro Machado, ex-comandante Geral da PMPA, autor do primeiro manual de formação de alunos, onde constam as principais informações sobre a história da Polícia Militar do Pará.

Intermediários contempla o posto de Capitão. O Círculo de Oficiais Subalternos abrange os postos de Primeiro Tenente e de Segundo Tenente.

O círculo das praças especiais contém os Cadetes (alunos em formação na Academia) e os Aspirantes a oficial (período de seis meses de estágio probatório após a formação). Entre os praças existem o Círculo de Subtenentes e Sargentos, com as graduações de Sub Tenente, Primeiro Sargento, Segundo Sargento e Terceiro Sargento, e o Círculo de Cabos e Soldados.

Por ordenação, o posto mais elevado é o de Coronel e a graduação mais baixa é a de Soldado. Portanto, hierarquicamente, os Soldados devem obediência a todos os que estão acima dele (Cabos, Sargentos, Sub Tenentes, Cadetes, Aspirantes, Tenentes, Capitães, Majores, Tenentes Coronéis e Coronéis).

Apesar da Hierarquia não ser encontrada apenas na vida militar, nos parece que na caserna<sup>2</sup> ela é vista de forma diferenciada. Até os termos utilizados na vida militar como superiores e subalternos, como se os homens fossem superiores e não os seus postos, já seria motivo de discordância e de incompreensão por parte daqueles que não vivem essa realidade. A adaptação ou a convivência com esse tipo de postura até poderia ser um bom objeto de estudo, mas não por agora.

Ainda referindo Machado (1994), a Polícia Militar, se constitui em força auxiliar e reserva do exército desde 1934, conforme a Constituição Federal vigente, podendo ser convocada nos casos de guerra.

Outra utilização das tropas da PM é retratada pelas tropas da Força Nacional criada em 2004 no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como programa da Secretaria Nacional de Segurança Pública. Formada por policiais militares de todo o Brasil, é utilizada no reforço policial das grandes capitais no combate ao tráfico de drogas e ao crime organizado nas favelas e morros, e também no reforço policial de grandes eventos como os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, que contou com a colaboração de mais de quatrocentos policiais da PMPA, sendo que em uma proporção de 80% pertencente às tropas do CME, conforme informações da Diretoria de Pessoal da Corporação. Outro grande evento em que percebemos a presença dessa tropa especial foi por ocasião do Fórum Social Mundial realizado em janeiro de 2009 em Belém do Pará.

No período de sua criação no século XIX, a PM do Pará seguia os princípios rigorosos e rígidos dos militares do Exército, quando o poderio bélico predominava em defesa do Estado e da Nação Brasileira. Nessa época a formação dos policiais militares era

---

<sup>2</sup> Caserna é o termo herdado do exército para definir a segunda casa do militar, “o quartel”.

fundamentada no combate, através de participação em movimentos como a Cabanagem, Guerra de Canudos e a Guerra do Paraguai, entre outros.

A Polícia Militar do Pará é uma instituição estadual militar de segurança pública, que foi criada no governo do Conde Villa Flor em 1818, com o nome de Corpo de Polícia, sob o comando de José Victorino de Amarante, integrante do Corpo de Artilharia da Capitania do Grão-Pará e Rio Negro.

Segundo Machado (1994), a partir de sua criação em 1818, pelo Marechal de Campo Manoel Marques, a Polícia Militar do Pará recebeu várias denominações como: Guarda Militar de Polícia - 1820; Corpo de Municipais Permanentes - 1831; Corpo de Polícia do Pará - 1836; Corpo Principal de Caçadores de Polícia - 1847; Corpo Paraense de Voluntários da Pátria - 1865; Corpo Militar de Polícia do Pará - 1885; Regimento Militar do Estado - 1894; Brigada Militar do Estado - 1905; Força Pública do Estado Pará - 1930; e por força do decreto nº 1.516 de 9 de fevereiro de 1935, passou a ser chamada de Polícia Militar do Estado do Pará e, finalmente, em 1964 Polícia Militar do Pará.

A PMPA participou de fatos marcantes como na Guerra de Canudos, nos sertões da Bahia, quando sob o comando do Coronel Antônio Sérgio Dias Vieira da Fontoura, no dia 25 de setembro de 1897, consagrou-se no comando do 2º Corpo de Regimento Militar do Estado, ao abrir caminho para vitória das forças expedicionárias contra Antônio Conselheiro e seus seguidores. O Coronel Fontoura, herói de Canudos, é o Patrono da Corporação.

A PMPA atualmente (2009) comandada pelo CEL QOPM Luiz Dário Teixeira da Silva integra o Sistema de Segurança Pública do Estado e é vinculada a Secretaria de Segurança Pública.

Tendo como alicerce a hierarquia e a disciplina militar, a PMPA executa essencialmente ações de Polícia Ostensiva, Comunitária, Assistencial e, quando necessário, devido ao estrito cumprimento do dever legal, exerce o poder da polícia repressiva e o faz com base na Lei nº 5.251 de 31 de julho de 1985, que dispõe sobre o Estatuto dos Policiais Militares, revisada pela Lei nº 6.721 de 26 de janeiro de 2005.

Entendemos que o risco em se falar de Segurança Pública sem envolver-se em questões políticas é grande e, por maior que seja o esforço, ainda podemos ferir alguns preceitos e depararmo-nos com a opinião pública que fica à disposição da mídia para ter acesso ao que ocorre extramuros dos quartéis e escolas de formação. Devemos recordar que todos os policiais militares são homens nascidos e criados na mesma sociedade em que ele atuará como repressor ou defensor, e que isso o expõe ao risco da recriminação ou da glória.

Segundo Aguiar (2007), para que a Polícia Militar cumpra seu papel constitucional, de exercer o policiamento ostensivo fardado, cujo objetivo é o de preservação da ordem pública, faz-se necessária a adaptação de várias modalidades de policiamento tais como: em dupla, a pé, a cavalo ou motorizado, bem como por meio de rondas ostensivas, patrulhões<sup>3</sup>, guardas, operações, etc., o que faz com que a PMPA necessite de uma forma de organização interna para execução de sua função, que será descrita a seguir.

Além do efetivo operacional empregado nas ruas, a corporação conta com uma rede de apoio à atividade fim, que é formada por oficiais e praças que trabalham diretamente nas funções de direção, administrativas e técnicas, no Comando e Sub Comando, Estado Maior, Ajudância Geral, Diretorias de Pessoal, de Finanças, de Ensino e de Apoio Logístico, Aprovisionamento, Companhia de Comandos e Serviços, Centro de Suprimentos e Manutenção, Centro de Inativos e Pensionistas, Corregedoria, Centro de Informática e Comunicação, Inteligência, Centro de Controle Interno, Assessoria de Comunicação, Consultoria Jurídica, Centro Integrado de Psicologia e Assistência Social, Corpo Militar de Saúde e outras seções adjuntas.

Como atua principalmente e operacionalmente em diversas áreas e tipos de policiamento, a PMPA divide-se em 12 Comandos de Policiamento Regional, que são responsáveis pelo policiamento das regiões do interior do estado, um Comando de Policiamento na Região Metropolitana e três grandes comandos na Capital. Cada um dos grandes comandos tem suas missões específicas e atribuições diferenciadas de acordo com o tipo de policiamento que desenvolve.

No interior do estado apresentam-se os Comandos de Policiamento Regional – CPR, que atuam com sedes específicas em 12 municípios, porém cada Comando é responsável por outros municípios próximos, abrangendo todo o Estado, com exceção da capital, da região metropolitana e as cidades de Soure e Breves, com esclarecimento a seguir.

O Comando de Policiamento Regional Metropolitano – CPRM, atua nos municípios próximos a capital, considerados pelo policiamento como a grande Belém, que incluem Ananindeua e Marituba, bem como o Batalhão de Polícia Rodoviária que atua em todas as estradas estaduais.

Na capital do Estado contamos com o Comando de Policiamento da Capital (CPC), o Comando de Policiamento Especializado (CPE) e o Comando de Missões Especiais (CME).

---

<sup>3</sup> Patrulhões são operações feitas somente pela corporação ou em conjunto com outros órgãos de segurança, com objetivo específico de policiamento reforçado em determinada localidade, para um determinado fim como: apreensão de drogas, armamento, etc.

O Comando de Policiamento da Capital – CPC, é responsável pelo policiamento ordinário, pelas missões de policiamento ostensivo a pé e com viaturas, que cobrem as áreas determinadas por doze zonas de policiamento (ZPOL), executadas pelo efetivo de três batalhões (1º, 2º e 10º BPM). As ZPOL desenvolvem um trabalho conjunto com a Polícia Civil e, geralmente, localizam-se nas delegacias dos bairros, ou em sedes próprias.

O Comando de Policiamento Especializado – CPE, é responsável pelo policiamento desenvolvido em sua maioria, com parceria com outros órgãos públicos, que tem como característica, além do policiamento em si, a demanda e população diferenciada.

Fazem parte do CPE:

O Batalhão de Polícia Ambiental – BPA, responsável pelo policiamento de preservação do meio ambiente e nas situações em que ocorrem os crimes ambientais, trabalha muitas vezes em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;

O Batalhão de Policiamento Penitenciário – BPOP, atua no policiamento e guarda externa das casas penais da região metropolitana, que por ocasião de rebeliões e, nos casos de invasões, trabalham em conjunto com as tropas de missões especiais;

O 8º BPM em Soure e o 9º BPM em Breves, apesar de não estarem na capital, entram no rol dos batalhões especializados por desenvolverem policiamentos específicos com a utilização de búfalos e atenderem a população ribeirinha;

A Companhia Independente Especializada de Policiamento Assistencial – CIEPAS, atua nas ações que envolvem crianças e adolescentes em risco ou em conflito com a lei, trabalhando em conjunto com a Delegacia de Atenção ao Adolescente – DATA, e com os Conselhos Tutelares;

A Companhia Independente de Policiamento Turístico – CIPTUR, policia os pontos turísticos ou áreas de maior concentração desse público, inclusive aeroporto, rodoviária, hotéis e mercados, com alguns policiais com domínio de outras línguas, facilitando a comunicação com turistas estrangeiros, bem como possuem informações específicas adquiridas em cursos em parceria com a Companhia Paraense de Turismo – PARATUR;

A Companhia Independente de Policiamento Escolar – CIPOE, exerce o policiamento nas escolas e redondezas como atividade fim, porém participa ativamente no policiamento preventivo com o auxílio de palestras nas escolas, para a clientela estudantil e seus familiares, como forma de aproximação dessa comunidade para fornecer esclarecimentos sobre os riscos das ruas.

Finalmente, o Comando de Missões Especiais – CME, palco da nossa pesquisa, faz-se merecedor de uma explanação histórica sobre sua criação e formação atual.

O CME foi criado em 15 de outubro de 1999 com o objetivo de somar forças na solução eficiente de ocorrências especiais, tendo como missão o planejamento, a coordenação, o controle, a execução e a instrução das atividades especializadas de policiamento repressivo em todo o Estado do Pará.

Na estrutura organizacional da PMPA, o CME aparece como gerenciador das ações típicas de missões de caráter especial, tais como crises com refém(s), controles de manifestações, policiamento em eventos, tanto desportivos como religiosos, culturais e políticos, além de ocorrências policiais de grande magnitude, defesa interna do Estado e preservação da ordem pública.

O CME atua como tropa de recobrimento, ou seja, não tem uma área territorial específica que seja de sua exclusiva atuação, pois ele atua em todo o território estadual, recobrando, trazendo reforços para as outras tropas que lá estão. Por isso o termo recobrimento, pois cobre novamente, reforça o policiamento que já está sendo efetuado por outra tropa.

Atualmente possui aproximadamente 800 homens divididos em 07 unidades, todas localizadas na capital do Estado, e é tropa reserva do Governo do Estado, acionada somente quando a situação realmente exige.

O CME é formado por:

Regimento de Polícia Montada – RPMON, é a tropa mais antiga da PM, criada em 1817, antes mesmo da própria instituição, possui tropa montada em Soure, Castanhal e Santarém, e tem como principal função o policiamento montado de choque e controle de distúrbios civis, cobrindo ruas, praças desportivas, executando o patrulhamento na prevenção de ocorrências;

Batalhão de Polícia de Choque – BPCHQ, criado em 1992, atua tanto na capital como no interior do Estado, no controle de distúrbios ou qualquer manifestação civil, revistas em casas penais, reintegração de posse e demais ocorrências policiais de grande magnitude;

Batalhão de Policiamento Tático – BPOT, criado em 2001, atua em ocorrências de alta complexidade, como assalto com reféns, rebeliões em casas penais, combate a gangues, operações diárias de fiscalização e ocupação operacional nos locais que registram alto índice de criminalidade, recobrando todas as Zonas de Policiamento;

Companhia Independente de Policiamento com Cães – CIPC, criada em 2001, apesar de ser remanescente do Canil Central da PMPA criado em 1974. O Canil, como permanece

chamado até hoje, é responsável pelo policiamento ostensivo, operações de busca, resgate e salvamento de pessoas, controle de rebeliões e detecção de entorpecentes e explosivos;

Companhia de Policiamento Fluvial – CPFLU, criada em 1999, apesar de a oficialização legal ter ocorrido em 2001, realiza o policiamento ostensivo em toda a malha fluvial do estado, nas comunidades ribeirinhas do entorno e, excepcionalmente, na costa marítima. Atua no combate ao Tráfico de entorpecentes, realiza ações sociais e preventivas, contribuindo e dando suporte ao policiamento terrestre;

Grupamento de Policiamento Aéreo – GRAER, criado em 2004, formado por efetivo de policiais e bombeiros militares, efetua o patrulhamento urbano e rural, com apoio a operações de alta magnitude, atuando em resgates, combate e erradicação de plantações de maconha, apoio em reintegrações de posse e em cerco de quadrilhas, bem como no auxílio social com o trabalho em conjunto com a Secretaria Nacional de Saúde na entrega de medicamentos ou no transporte aéreo de pessoas em risco nas localidades de difícil acesso;

Por último, porém não menos importante, a Companhia Independente de Operações Especiais – COE, criada em 1993, atua em ações de alto risco, que fogem da normalidade do policiamento ostensivo, como rebeliões em casas penais, resgate de reféns, ocorrências envolvendo artefatos explosivos e em toda e qualquer ocorrência onde terceiros correm o risco eminente de morte, quando a negociação e a utilização de gás não letal não resolveram a situação. A COE atua onde e quando todas as alternativas de negociação e salvamento já foram frustradas.

Nesse universo de aproximadamente treze mil homens com atividades operacionais, na administração de pessoal, no planejamento estratégico, na atuação preventiva ou na retomada de um presídio em rebelião, escolhemos uma tropa do Comando de Missões Especiais para pesquisar um suposto fator diferencial na conduta e na atuação profissional desses homens.

Como a Polícia Militar é uma instituição quase bicentenária e vem sofrendo transformações e adaptações ao mundo contemporâneo, não podemos ao certo prevê-la, mas podemos buscar uma melhor adequação do homem ao tipo de serviço que desenvolve, para que tenha uma boa qualidade de vida e trabalhe satisfeito com suas conquistas e realizações.

Justamente pensando em uma melhor adequação do homem com suas peculiaridades aos diversos tipos de serviço prestado por uma tropa de execução, é que ao longo dos doze anos trabalhando em unidades do Comando de Missões Especiais, sentimos a necessidade de estabelecer critérios de seleção e de compreensão do homem integrante dessa tropa específica.



A tropa escolhida para desenvolver a pesquisa sobre a possível existência de ações impulsivas em seus integrantes faz parte do CME, e tem missão, a saber:

“atuar em crises com tomadas de reféns, atendimento a ameaças de bombas e ocorrências com artefatos explosivos, bem como operações de alto risco, que por sua natureza superem a capacidade operacional das demais Unidades Operacionais. Sua atuação repressiva abrangerá toda a área do Estado do Pará e será determinada por ordem direta do Exmo. Sr. Comandante Geral, ou com o consentimento deste”.

*Um breve comentário:* é importante lembrar que sempre que essa tropa for empregada, não existirá alternativa e o emprego da força letal será determinante. Sua atuação poderá trazer efeitos negativos, pois infelizmente existirá uma enorme possibilidade de reféns, policiais e indivíduos em conflito com a lei saírem feridos, alguns mortalmente. É geralmente uma tropa de ataque. (Estudo Analítico Interno, 2002, não publicado)

Assim, esperamos ter conseguido fazer com que o leitor conhecesse um pouco mais da realidade policial militar, o que facilitará a compreensão dos resultados obtidos nesse estudo, bem como o entendimento da escolha da impulsividade como fator de investigação, que segue no próximo capítulo.

## 2 IMPULSIVIDADE

Ainda nas primeiras buscas de referências sobre a impulsividade, deparamo-nos com o estudo desenvolvido em 2005 pelo Instituto da Inteligência de Porto-Portugal, que em pesquisa sobre Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em crianças e jovens superdotados atestou que: sendo a impulsividade um comportamento decorrente da não reflexão, das atitudes tomadas por respostas imediatas a estímulos externos ou internos, quando o indivíduo impulsivo é do tipo empreendedor, esta impulsividade leva-o a não gostar de perder tempo. Mostra-se decidido e autoconfiante. Quando é do tipo aventureiro, a impulsividade está relacionada com a energia que o move. É prático, ativo e gosta de correr riscos. Essa foi a primeira definição onde a impulsividade não nos pareceu tão venal.

Porém, para ingressar na Polícia Militar do Pará, o candidato é submetido, dentre outras avaliações, a uma bateria de testes psicológicos que devem nortear o perfil exigido para a Corporação e, a impulsividade é uma das características indesejáveis desse processo.

Fazendo ainda uma releitura em editais de concursos para a PM em vários estados brasileiros, localizamos no item de características do perfil, a impulsividade como “a incapacidade de controlar as emoções e tendência a reagir de forma brusca e intensa diante de um estímulo interno ou externo”, devendo ser encontrada de forma diminuída, ou seja, não descartada por completo (EDITAL Nº 001/2007, p.10. PMAP).

Isso pode nos levar a pensar que a impulsividade faz parte de nossas vidas e de nossas condutas enquanto seres humanos, e na realidade policial militar, ela não pode ser de pronto descartada, visto que os policiais lidam com situações de intenso risco que exigem que ele tenha uma prontidão imediata para agir, quer seja em sua defesa ou do próximo.

Ainda na busca do enquadre ou não da impulsividade na vida policial militar, nos termos da lei, nas promoções por ato de bravura consta o seguinte textual:

Art. 20 - A promoção por bravura é efetivada em razão de atos de caráter excepcional e de comprovada atitude extrema de coragem e audácia, que ultrapassem aos limites normais do cumprimento dos deveres naturais do policial-militar e que sejam úteis ao conceito da Corporação, pelo exemplo positivo. (Decreto nº 4.956/87, PA)

Art. 27 - Entende-se por ato de bravura a ação praticada, de maneira consciente e voluntária, com evidente risco à vida e cujo mérito, transcenda, ainda em valor, audácia e coragem a quaisquer considerações de natureza negativa, quanto à prudência ou impulsividade porventura cometidas. (Decreto nº 43.756/04, MG)

Como se pode perceber, a impulsividade ainda que indesejável, permeia a atitude policial militar em sua operacionalidade. Diante da provável incoerência de não desejá-la e aceitá-la em determinadas atitudes policiais, partimos na busca de esclarecimentos acerca do conceito de impulsividade.

Com Laplanche e Pontalis (2004), ao buscarmos na Psicanálise o significado de impulsividade, nos aproximamos do termo pulsão, inserido por Freud como *trieb* em seus textos de 1905, que em sua versão francesa foi denominada *pulsion*. Segundo esses autores, existem dois termos que são utilizados por alguns estudiosos indiferentemente, que são *instinkt* e *trieb*. Na língua alemã, *trieb* é um termo germânico, que conserva a nuance de impulsão (*trieben* = impelir), e *instinkt* é utilizado por Freud para qualificar um comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto. Eles dizem:

Embora o termo *trieb* só apareça nos textos freudianos em 1905, ele tem a sua origem como noção energética na distinção que desde cedo Freud faz entre dois tipos de excitação (Reiz) a que o organismo está submetido e que tem de descarregar em conformidade com o princípio de constância. Ao lado das excitações externas a que o indivíduo pode fugir ou de que pode proteger-se, existem fontes internas portadoras constantes de um fluxo de excitação a que o organismo não pode escapar e que é o fator propulsor do funcionamento do aparelho psíquico. (p.394, grifo nosso)

Essas fontes internas de excitação estariam prontas para liberar a impulsividade diante da frustração, independente da vontade do indivíduo. A pulsão é a força que ataca o organismo a partir de dentro e o impele a realizar certas ações suscetíveis de provocarem uma descarga de excitação. É definida como “um conceito limite entre o psiquismo e o somático”, é a representante enviada do somático ao psíquico. (LAPLANCHE e PONTALIS, p.395, 2004)

No contexto policial militar, espaço da nossa pesquisa, quando falamos em impulsividade, de pronto emergem outras postulações que por vezes confundem-se dadas suas características. Estamos falando da agressividade e da violência, que em alguns momentos podem estar relacionadas à conduta impulsiva. Porém torna-se mais prático tentar conceituá-las antes de relacioná-las entre si.

O ponto de partida escolhido teve base na relação com a agressividade que, para Winnicott (1939) representa um instinto próprio a todo ser humano, que é necessário para a sua existência. O comportamento agressivo faz parte da vida humana, devendo ser encarado como normal. Cabe-nos aqui uma ressalva de que, para ser policial militar, o indivíduo precisa da agressividade, não somente para fins de sobrevivência diante da selva urbana, mas

também para utilizar adequadamente sua energia, pois precisa ser enérgico, ter força de iniciativa, ter atitude forte e precisão, não pode ser passivo.

Ballone (2005), ao citar Seroczinski (1999), faz a distinção entre dois tipos de agressividade: a proativa e a reativa. Segundo Ballone, “a agressão reativa tem sido definida como uma reação hostil a uma frustração percebida. O indivíduo reativo super-reage diante a menor provocação e costuma ser explosivo” (não numerado).

Dessa forma, podemos dizer que a agressão reativa é a que está mais fortemente ligada à impulsividade. Enquanto que na agressão proativa ou depredadora, como refere o autor, a pessoa tem uma conduta agressiva e violenta, dirigida para uma meta determinada. É mais elaborada, planejada e premeditada. Portanto, segundo o autor, a agressão reativa relaciona-se a impulsividade e a agressão proativa relaciona-se a violência.

Partindo para a tentativa de conceituar agora a violência, tentaremos buscar em Freud (1933 [1932]) no texto “Por que a Guerra?”<sup>4</sup>, a correspondência entre ações agressivas, a violência e o impulso, quando Freud em resposta a Einstein delimita apenas dois tipos de pulsões humanas: as que tendem a preservar e unir – que denominou de eróticas, e as que tendem a destruir e matar – as quais agrupou como pulsão agressiva ou destrutiva, reforçando ainda que nenhuma das duas pulsões seja menos essencial que a outra. Nas palavras de Freud na carta a Einstein (Ibdi):

[...] o instinto de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade, para atingir seu propósito. Dessa forma, também o instinto de amor, quando dirigido a um objeto, necessita de alguma contribuição do instinto de domínio, para que obtenha a posse desse objeto. A dificuldade de isolar as duas espécies de instintos em suas manifestações reais é, na verdade, o que até agora nos impedia de reconhecê-los. (p.252)

No mesmo texto Freud ainda afirma que:

[...] quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Não há porque enumerá-los todos. Entre eles está certamente o desejo da agressão e destruição: as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias atestam a sua existência e a sua força. A satisfação desses impulsos destrutivos naturalmente é facilitada por sua mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista (p. 253).

Para tanto podemos concluir com Freud (1933 [1932]), que de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens, pois elas estarão presentes nos atos de conquistas quaisquer que sejam elas. Porém, o desejo de algo associado à satisfação imediata,

---

<sup>4</sup> Texto que reproduz as correspondências entre Einstein e Freud por ocasião da sugestão da Liga das Nações sobre a resolução de problemas emergentes, no caso, a guerra.

com baixo limiar de frustração e de caráter agressivo sem a preocupação da preservação do outro ou de si, pode resultar em ações impulsivas de cunho violento e destruidor.

Como o instrumento utilizado em nossa pesquisa foi uma técnica projetiva, a Prova de Rorschach, cabe-nos trazer o entendimento do criador da técnica, o próprio Hermann Rorschach sobre a impulsividade.

Por impulso, compreendemos aqui as descargas súbitas de afetos e que se fazem acompanhar de descargas motoras repentinas – o que corresponde à correlação entre a afetividade e a motilidade. Os impulsos representam o mais alto grau de labilidade afetiva. (RORSCHACH, 1978, p.105)

Como forma de aproximar o tema ao nosso estudo, localizaremos a impulsividade nas técnicas projetivas no momento seguinte.

## **2.1 Impulsividade nas Técnicas Projetivas**

De acordo com Anzieu (1978), as técnicas projetivas surgiram em 1939, quando L. K. Frank inventou a expressão ‘métodos projetivos’ para explicar o grau de parentesco entre três testes psicológicos: o teste de associação de palavras de Jung, o Rorschach e o T.A.T de Murray, em que Frank mostrava que essas três técnicas formavam o protótipo de uma investigação dinâmica da personalidade, abordando-a como uma estrutura em evolução, em que os elementos constitutivos se encontram em interação.

Analisando o termo projeção utilizado por Frank, etimologicamente, Anzieu (1978) nos aproxima do significado da projeção que denota uma ação física, e de forma clara afirma: “Nesse sentido, os testes projetivos favorecem a descarga, sobre o material apresentado ao sujeito, de tudo aquilo que este recusa ser, que vivencia em si mesmo como mau, ou como pontos vulneráveis” (p.18). Esse dito nos leva a compreensão de que o método projetivo favorece a investigação da impulsividade.

O teste palográfico, por exemplo, é considerado como medidor projetivo do movimento expressivo, em que a folha de papel representa o mundo no qual o indivíduo se coloca afetivamente e a maneira pela qual ele se relaciona com o meio externo. Nesse teste, o entendimento da impulsividade baseia-se em conceitos complementares. De acordo com Vels (apud Alves e Esteves, 2004) a impulsividade é uma “tendência imperiosa, às vezes, irresistível ao ato brusco, explosivo, instintivo, como um reflexo privado de avaliação, de controle e freio inibitório” (p.148).

Para Alves e Esteves (2004, p.148), ainda sobre o palográfico, “a reação impulsiva se produz sem um controle reflexivo da consciência, onde ocorre uma descarga das tensões afetivas de modo descontrolado e sem suficiente autodomínio”.

Vaz (2002), na interpretação de outro teste projetivo, o Zulliger<sup>5</sup>, fala sobre a presença de movimento animal (FM), como indicativo de impulsos e dinamismo, porém deve haver uma combinação de dados para se concluir que o indivíduo apresente sinal de impulsividade. A presença de FM pode também ser interpretada como sinal de espontaneidade. Da mesma forma, a ausência de FM em um protocolo pode indicar que a pessoa não tem senso de iniciativa, o que de fato é um complicador para uma profissão de prontidão<sup>6</sup> como é a de um policial militar.

Na técnica das Pirâmides Coloridas de Pfister, Villemor-Amaral (2005), afirma que “o vermelho é representante de estados mais excitados e está ligado à extroversão, à irritabilidade, à impulsividade e à agressividade [...]”. (p.76)

Para essa autora, a percepção da cor, bem como das emoções, é decorrente de funções biológicas do sistema nervoso, desencadeadas a partir de estímulos internos ou externos e, quando a cor nos é apresentada, somos afetados de forma passiva no que diz respeito às funções mentais, sem que ocorra na sua origem a participação da esfera cognitiva.

Como podemos perceber, as cores são portadoras de muitas respostas no que diz respeito à personalidade de cada indivíduo, mas elas não são as únicas a determinarem os indícios de impulsividade na prova de Rorschach.

Ao considerarmos a profissão policial militar como uma profissão de risco – quer seja da própria vida ou de sua integridade enquanto ser humano – temos o entendimento da necessidade da manutenção da vida como atitude constante e intrínseca a cada policial.

No seu percurso de amadurecimento e profissionalização, nos confrontos com as reais situações de risco, o indivíduo cria defesas e manejos próprios para lidar com o perigo eminente, com o risco de ser ferido ou até mesmo morto. O que há de mais primitivo em instintos de sobrevivência revela-se em atos impulsivos de forma velada e punível militarmente, mesmo que seja no estrito cumprimento do dever legal.

Em situações de extremo perigo, o ‘matar ou morrer’ dita a resposta, o comprometimento de ‘morrer pela pátria’ é ensinado nas academias e a ‘defesa de vidas em risco’ é a razão de ser de cada policial. Por isso, devemos esperar que o policial militar

---

<sup>5</sup> Zulliger é um teste de apresentação e interpretação similar ao Rorschach, porém em forma reduzida.

<sup>6</sup> Prontidão é o termo usado para definir o estado de “pronto para a ação” e “em condições de agir”.

apresente um perfil emocional mais resistente e controlado que o dos indivíduos não militares e sem treinamento.

### 3 A PROVA DE RORSCHACH

Nesse estudo, utilizamos a prova de Rorschach, também tratada como psicodiagnóstico, para investigar a existência de respostas de impulsividade com maior clareza e fidedignidade, por tratar-se de um instrumento projetivo.

A prova de Rorschach é uma técnica projetiva baseada na percepção de figuras ambíguas, publicada por H. Rorschach em 1921, e hoje, após ter sofrido algumas alterações, é reconhecida como um clássico instrumento de diagnóstico da personalidade sem restrições de uso em relação ao sexo, faixa etária ou escolaridade.

O instrumento é constituído por 10 (dez) pranchas com borrões ou manchas de tintas, onde cada uma possui textura e contornos diferenciados e escassamente estruturados. Cinco pranchas são em preto e/ou nuances de cinza e branco, duas acrescentam a cor vermelha ao preto e branco, e três são policromadas. Todas as pranchas apresentam conteúdo não-verbal, desprovido de significados prévios.

Para Vaz (1986), o Rorschach permite ao examinador considerar os elementos psicodinâmicos da pessoa examinada de forma abrangente e global, e mesmo que seus aspectos quantitativos sejam fortes, é possível avaliar a personalidade, considerando-se as variáveis quantitativas e qualitativas, não se detendo apenas nos dados restritos e absolutos dos números.

Quando foi criada, a prova de Rorschach possuía um enfoque quantitativo mais marcante do que o qualitativo, e este aspecto não pode ser desconsiderado, uma vez que esse instrumento consolidou-se enquanto psicodiagnóstico, e sua eficiência foi garantida ao longo dos anos.

Por ser projetivo, o Rorschach nos permite avaliar características peculiares do indivíduo, sem expô-lo ao receio de errar ou não saber o que dizer, por tratar-se de técnica livre em que, na sua execução, não existem perguntas em que o examinando forneça uma resposta específica, ou seja, não existem respostas certas ou erradas, e sim o que lhe surgir no momento da visualização da prova.

Desta forma, o avaliador recebe um grande número de informações, tanto no que se refere aos aspectos mais comprometidos de sua estrutura, quanto às áreas dinâmicas e de potencialidades da sua personalidade.



O Psicodiagnóstico de Rorschach foi criado pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach, nascido em Zurique, em 8 de novembro de 1884. Filho de um pintor e professor de desenho chegou a hesitar entre a carreira artística e a medicina, pois também possuía o dom de desenhar. Optando pela medicina, formou-se médico em 1909 em Zurique, apesar de ter frequentado várias outras universidades. Sentindo-se atraído pela Psiquiatria, exerceu sua profissão, a princípio, no hospital psiquiátrico de Münsterlingen, como médico assistente.

Segundo Adrados (1973) a utilização de seu teste ocorreu pela primeira vez em 1911, apesar de demonstrar seu interesse pelo tema desde o seu curso secundário. Porém, a publicação de seu trabalho ocorreu apenas em 1921, como resultado de seus estudos, na monografia intitulada ‘Psychodiagnostik’ que, mais do que um apanhado de conclusões teóricas, foi considerado como o início de todos os descobrimentos que surgiram a partir dele.

“Este teste revela a organização básica da estrutura da personalidade, bem como características da afetividade, sexualidade, vida interior, recursos mentais, energia psíquica e traços gerais e particulares do estado intelectual do indivíduo”. (ADRADOS, 1973, p.5)

Dessa forma, o Rorschach, como método diagnóstico da personalidade, é um revelador da personalidade do indivíduo, em virtude de que o examinando não tem consciência do que está expressando e não tem o domínio do que se possa ocultar do funcionamento de seus psicodinamismos.

Segundo Adrados (1973), após dez anos de experimentação, foram selecionadas dez pranchas, que seguiam um critério de simetria. As pranchas são formadas por manchas de tinta, que ao cair no papel e ao dobrar-se a folha, se estendia nas duas metades tornando-se simétricas, o que condiciona o teste de maneira igual para destros e canhotos, e é esta simetria que ainda favorece as interpretações das pessoas inibidas ou bloqueadas.

A prova de Rorschach então é composta por dez pranchas, sendo que as pranchas I, IV, V, VI e VII são em fundo branco com manchas em preto e nuances de cinza (acromáticas), as pranchas II e III são em fundo branco com manchas em preto e vermelho, e as pranchas VIII, IX e X são em fundo branco com manchas coloridas (cromáticas). (ANZIEU, 1978)

### **3.1 Descrição e Análise das Pranchas**

Nessa descrição, traremos interpretações de Cimbleris e Leite (2000, p.81-89) e de Mérei, segundo o trabalho de Spitz, citado em Adrados (1973, p.22-23), bem como um aspecto simbólico explorado por Vaz (1986).

#### **Prancha I**

A Prancha I, pelo fato de ser a primeira e por se tratar de situação nova, provoca um impacto inicial na pessoa, e a primeira resposta ilustra como o sujeito reage às situações novas. Para Mérei, a prancha I “produz no examinando uma situação de insegurança e leva os homens a uma situação crítica; serve para por em evidência a inteligência, a cultura, e descobrir complexos de inferioridade”. (ADRADOS, 1973, p.22)

#### **Prancha II**

Para Cimbleris e Leite (2000), a prancha II trata sobre pulsões agressivas e sexuais. Traz como característica mais marcante a inclusão do vermelho, que na análise do Rorschach é a melhor caracterização de respostas com conotação impulsiva.

Pode representar para o examinando ameaça, gerando respostas do ponto de vista simbólico representativas de descontrole emocional, podendo ainda ocasionar reações agressivas. O branco central pode simbolizar as sensações de perda e vazio com relação à figura materna, pois estão relacionados aos sentimentos gerados nos contatos mãe-filho na primeira infância. (VAZ, 1986).

Segundo Vaz (1986), a prancha II desperta sentimentos de dor, sacrifício, excitação, perigo, ameaça, que exigem do examinando condições afetivo-emocionais para enfrentar e elaborar sentimentos de perda e dificuldades relativas aos primeiros anos de vida.

Para Mérei (apud Adrados, 1973), “desperta reações afetivas e associações sexuais. Crítica para os imaturos e os que têm dificuldades sexuais. Já pode produzir choque de cor”. (p.22)

#### **Prancha III**

Nessa prancha, as manchas vermelhas estão separadas da figura preta, o que pode ocasionar o choque de cor ou ao vermelho. Também é uma prancha importante na análise da impulsividade por apresentar o vermelho puro.

A Prancha III apresenta dois grandes detalhes, que geralmente são vistos como seres humanos, especificamente em movimento, portanto, nessa prancha é esperado que o examinando revele conteúdos psíquicos pessoais socializados.

Para Vaz (1986), quando na prancha III constata-se a ausência de cinestesia e de conteúdo humano com verbalização paralela de conteúdos coloridos sem forma ou com forma mal definida, pode representar sentimentos de ódio e raiva reprimidos e dirigidos às pessoas.

Para Cimblaris e Leite (2000), essa prancha sugere a identificação com a figura humana e consigo mesmo.

Segundo Mérei (apud Adrados, 1973), a prancha III “mobiliza as cinestésias; as inibições manifestam-se em forma de choque cinestésico”. (p.22-23)

#### **Prancha IV**

Trata-se de uma prancha de estrutura compacta, de cor preta bastante densa, o que lhe confere inicialmente um aspecto pesado e origina o choque de claro-escuro.

Para Vaz (1986), o negro é um símbolo de angústia, austeridade e solidão por lembrar a noite. A imagem dessa prancha lembra austeridade e superioridade, o que desperta sentimentos de angústia, medo da autoridade paterna, a transformação de agressão em submissão e arrependimento, assim como uma impotência diante do superior.

A Prancha IV remete ao poder masculino, a autoridade e/ou figura paterna, à energia do poder.

#### **Prancha V**

A Prancha V pode ser definida como a sintonia com a realidade e o autoconceito, a autoimagem, a estruturação do ego.

É uma prancha que exige uma resposta global e vulgar/banal. Trata-se de uma prancha simples, com uma mancha mais estruturada, apresentando uma realidade mais simples e representativa do ego do examinando.

#### **Prancha VI**

Vaz (1986) nos esclarece de forma completa sobre a análise dessa prancha.

“O primeiro impacto que este cartão provoca na pessoa é de qualquer coisa relacionada com sexo. A parte de cima pode ser vista como assemelhando-se ao pênis, e a parte mais ampla inferior lembrando uma vagina com o aparelho sexual feminino. Isso por si só já leva os autores a considerá-la a lâmina do sexo. A rejeição desse Cartão, comentários depreciativos, críticas, colocar a mão sobre a parte

inferior para verbalizar apenas a superior, ou o inverso, todos esses são sinais de problemas relacionados à área sexual” (Vaz, 1986, p. 113).

### **Prancha VII**

A Prancha VII remete à figura materna, o representativo da proteção ou do abandono. Está relacionada ao aspecto feminino, e é vista como fonte de segurança e confiabilidade.

Para Mérei (apud Adrados, 1973), a Prancha VII é “específica para suscitar respostas de espaço em branco e, portanto, para por em evidência a hostilidade” (p.23).

### **Prancha VIII**

O primeiro impacto da Prancha VIII relaciona-se à cor. É a primeira prancha pluricromática, o que a torna mais propícia a um choque à cor. Ela mobiliza sentimentos e emoções. (Vaz, 1997)

A capacidade de reagir às cores é sinal de capacidade de estabelecer contato social e a qualidade da adaptação social.

É a prancha que diz da afetividade superficial e do contato social

Nessa prancha, um choque à cor pode indicar inadequação ou estresse afetivo.

### **Prancha IX**

Para Oliveira (2004), a prancha IX induz a produção de um sentimento primordial, dual, de amor ou rejeição da vida, que é ligada ao vínculo com a mãe. Diz da afetividade profunda.

Para alguns examinandos, a prancha IX provoca inquietação, confusão e perturbação, e é considerada por alguns estudiosos como a prancha mais difícil, sendo assim, a prancha mais rejeitada do Rorschach.

Por ser a prancha da afetividade profunda, esta prancha mobiliza no indivíduo os conflitos, tensões e angústias existenciais que ele não está conseguindo elaborar ou conviver.

Para Mérei (apud Adrados, 1973), “põe à prova a inteligência, pois é a prancha mais difícil; os melhores dotados encontram-na agradável e dão respostas originais”. (p.23)

### **Prancha X**

É a prancha da integridade psíquica, ela permite reunir tudo aquilo que emergiu psicologicamente do sujeito.

Para as pessoas práticas é uma prancha que proporciona a descontração por parte do examinando, pois ela está relacionada ao social.

Segundo Vaz (1986), esta prancha provoca, possivelmente, uma sensação de alívio em relação às duas pranchas anteriores. Esta prancha congrega, em uma só visão, os estímulos das demais pranchas.

### **3.2 Codificação das Respostas**

Com a emissão das respostas de cada protocolo, é feito o enquadre na codificação de cada uma delas no sentido de favorecer a correção e interpretação da prova.

A codificação das respostas se dá conforme a localização, o determinante, o conteúdo da resposta e os fenômenos especiais que possam surgir durante a execução da prova com a conduta do examinando em relação às pranchas apresentadas.

A análise quantitativa da Prova de Rorschach é feita a partir da cotação das respostas seguindo os atlas e manuais correspondentes. Nesse estudo, utilizamos o atlas proposto por Adrados (1973).

Na análise qualitativa, além dos resultados obtidos com a leitura quantitativa, são levadas em consideração as relações entre as respostas fornecidas e interpretações simbólicas e dos fenômenos especiais bem como dos tipos de vivência de cada sujeito.

Para que a correção seja possível, torna-se necessária a cotação da codificação das respostas.

#### **Localização**

A localização é a área da mancha onde o examinando localiza a sua resposta, e é a primeira cotação a ser feita. Cabe ao examinador indagar ao examinando se a imagem apreendida e interpretada por ele está localizada na totalidade ou em partes da mancha. É fundamental saber onde ele percebe exatamente a sua resposta.

Segundo Anzieu (1978), a resposta pode estar localizada na área global da mancha, abrangendo toda a mancha, sendo considerada assim uma resposta global (G); também pode ser percebida em um detalhe grande, que já foi percebido por um grande número de pessoas, portanto comum (D); em um detalhe pequeno, pouco percebido ou incomum (Dd); de forma que este último ainda pode vir a ser subdividido em detalhe raro (Ddr); detalhe interno (Ddi) e detalhe externo (Dde), e em um detalhe que se refere às partes brancas da mancha (Dbl).

É através da localização da resposta, que o examinando demonstra como ele percebe os objetos e como ele os organiza naquele espaço, o que é importante e o que não é.

### **Determinante**

No seguimento da classificação das respostas, vários elementos da mancha podem determinar o que foi decisivo para apreensão da imagem, se a forma, o movimento, a cor, o claro-escuro, etc., ou seja, como o examinando vê. Esse termo é utilizado para informar o que determinou a resposta.

Para Anzieu (1978), o determinante é o que determina a resposta do sujeito, o que desencadeou a percepção de certo corte na mancha para que ele emita sua resposta, que pode ser pela forma, pelo movimento, pela cor ou pelo esfumado.

Segundo Oliveira (2004), os determinantes têm sido revisados e sua classificação tem sofrido modificações desde a publicação do Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach. Vários autores têm-se dedicado a criar subcategorias que possam expressar com maior fidelidade os dados encontrados, o que não sabemos se poderia ter sido elaborado pelo próprio Rorschach e não o foi por sua morte prematura.

Os determinantes são codificados enquanto forma (F+, F+/- e F-), cor cromática (FC, CF e C), cinestesia (K, Kan, Kp e Kob), cor acromática (FC', C'F e C'), esfumado e nuances de cinza (FE, EF e E), forma e impacto ao negro da lâmina (Fclob, clobF e clob) e cor nomeada (CN), os quais faremos breves considerações.

### **Forma**

Os determinantes de forma – F, se estabelecem pelas respostas que se criaram unicamente pelo aspecto formal, ou seja, pelo contorno da mancha, demonstrando uma “capacidade do sujeito para se orientar na vida e se adaptar à realidade exterior graças à atividade reguladora da razão e do pensamento”. (ANZIEU, 1978, p.73)

As respostas de forma são aquelas em que o indivíduo justifica o que viu apenas pelo formato ou contorno da figura. (PEREIRA, 1987, p. 20)

Esse tipo de resposta exige do examinando um esforço de organização racional sobre os dinamismos psíquicos, e é o tipo de resposta mais encontrado nos protocolos.

Para Schachtel (1967), perceber a forma requer uma atitude de percepção ativa, olhar alguma coisa de forma atenta, participativa e não passiva como ocorre na presença de luz forte ou cor.

Para Silva (1987), “dar formas implica em um modo de funcionar objetivante e aloccêntrico. Há um papel ativo e de envolvimento na tentativa de captar a realidade representada e não o real em si”. (p.22)

Quando a resposta apresentada tem forma bem definida e se adequa à mancha, se for bem conceituada, de modo claro e distinto, sem que seja ambíguo, dentro de um espaço definido, ela será classificada como F+, o que significa uma forma bem vista. Caso ela não seja adequada e não conste nos atlas de localização, como se só o examinando conseguisse percebê-la daquela forma, ela será enquadrada como F-. O tipo F+/-, segundo Cimblaris e Leite (2000), está no atlas e, apesar de não comprovada, tem semelhança.

As respostas de forma podem apresentar aspectos de Esfumado, que são as variações nas tonalidades da mancha, que podem se referir à profundidade, transparências e textura (macio, rugoso, fofo, peludo, etc.). Quando a forma é predominante ao esfumado, chamamos FE, quando o esfumado sobressai à forma classificamos como EF, e quando o examinando relata apenas o esfumado, classificamos sua resposta de E.

### **Cinestesia - Movimento**

O segundo determinante do qual falaremos cabe às respostas cinestésicas ou de movimento – K, que são determinadas pela percepção da forma acrescida de sensações cinestésicas. Elas são encontradas tanto em respostas de conteúdo humano, sendo chamada de K, ou de conteúdo animal, em que é chamada de Kan.

O determinante cinestesia/movimento até hoje ainda configura controvérsias entre os estudiosos do Rorschach. Porém, conforme Anzieu: “Para o próprio Rorschach tudo era muito simples: registrava K sempre que o sujeito experimentava (ou se supunha que experimentava) uma verdadeira sensação cinestésica”. (ANZIEU, 1978, p.74)

As respostas de movimento ganharam muitos significados e constituem o elemento mais original do psicodiagnóstico, mas nem tudo o que pode nos parecer cinestésico pode assim ser classificado. As respostas de movimento seguem alguns critérios como: só admitir respostas K em uma resposta humana completa; para ser classificado o movimento humano ele não precisa estar explícito; bem como admitimos como K as atitudes de estarem parados em pé ou sentados, enfim, vários aspectos devem ser considerados e enquadrados.

Uma predisposição cinestésica do examinador, seja ela muito intensa ou muito fraca, pode interferir negativamente. De qualquer modo a determinação das respostas K constitui, sob este aspecto, o ponto mais delicado de toda a prova. Aqui, mais que em qualquer outra parte do teste, a equação pessoal do examinador, de acordo com o seu próprio tipo de representação, poderá levá-lo a cometer enganos. (RORSCHACH, 1978, p. 27)

Segundo Traunbenberg (1998), os K são produzidos quando os estímulos desencadeiam no sujeito impulsos psicomotores que exprimem a atitude interior, tratando-se da projeção do impulso no objeto.

Além de identificar se uma resposta é de fato K, esse movimento pode ser considerado tanto de extensão quanto de flexão, como ativo ou passivo.

Para Cimbliris e Leite (2000), os movimentos de extensão caracterizam-se pelo direcionamento para fora, centrífugo, como pular, dançar, correr, etc. esse tipo de movimento está relacionado a pessoas ativas, corajosas, empreendedoras, afirmativas.

Para as mesmas autoras, os movimentos de flexão são direcionados para dentro, centrípetos, como agachar, inclinar, encolher, abaixar, e são geralmente encontrados em pessoas passivas, submissas, dependentes e com atitudes de resignação e pessimismo. Essas informações são completadas com o conceito do movimento de atitude, em que “a figura humana não realiza nenhum movimento expresso ou se encontra impedida de fazê-lo”. (p.29) esse tipo de resposta denota um bloqueio no dinamismo psíquico ou até dificuldade de enfrentar as coisas, bem como demonstra a existência de obstáculos à livre expressão do pensamento e do impulso criador. Os K de atitude são índices de processo ativo de repressão e de conflito interno.

As respostas de movimento animal – Kan, designam a toda resposta de animal inteiro visto com um movimento que lhe é natural e nitidamente realizado. Esse tipo de resposta indica tendências infantis, são respostas comuns em crianças. Elas também representam espontaneidade de expressão de desejos.

Segundo Cimbliris e Leite (2000), é uma categoria importante para a análise dos impulsos, pois o número de Kan aumentado, além de significar espontaneidade, é sinal de impulsos emocionais livres, sem controle, e as pessoas com esse tipo de resposta tendem a querer gratificar-se rapidamente.

Além da resposta K e Kan, o Rorschach apresenta ainda as respostas de movimento menores, o Kp – que representa um movimento humano quando o ser humano não está inteiro (ex: mãos acenando) e Kob – que é o movimento de um objeto ou forças físicas ou da natureza (ex: explosão de um vulcão).



Essas respostas, segundo Klopfer<sup>7</sup>, “aparecem quando o sujeito experimenta seus impulsos como forças hostis e incontroláveis que operam contra ele e parecem ser um reflexo das tensões internas da personalidade que as sofre”. (ADRADOS, 1973, p.53-54)

Com um agravante, se essas respostas menores (Kp e Kob) aparecem em número maior que K ou Kan, representam sinal de perigo, pois aumentados, significam que os conflitos internos são demasiado intensos e interferem na relação entre a vida interior e o ambiente externo.

A cotação das respostas Kob deve vir associada à forma, podendo ser FKob para respostas em que predomina uma forma bem estruturada sobre o movimento; KobF para as que a cinestesia predomina sobre a forma e Kob para as respostas de cinestesia pura.

## **Cor**

A determinante Cor é classificada “em função do caráter predominante, secundário ou de ausência da forma, na elaboração de uma resposta desencadeada pela cor das manchas” (ANZIEU, 1978, p.81).

Esta determinante está presente nas pranchas do Rorschach nas cores vermelha, rosa, azul, amarela, laranja, verde e marrom, consideradas como cores cromáticas. As cores branco, preto e cinza, com suas nuances, são consideradas cores acromáticas.

A classificação da cor vem associada à forma, podendo ser: FC, quando a forma é determinante e a cor denominada corresponda à cor real do objeto; CF, quando a cor é o elemento determinante na resposta e a forma recebe um valor secundário; ou C, quando a resposta revela uma interpretação baseada somente na cor.

Encontramos também classificações como Fclob, quando a forma predomina sobre a percepção do claro-escuro, sobre o impacto que o examinando sente à cor negra da lâmina; ClobF, quando o claro-escuro domina a forma, quando o examinando fala primeiro do impacto e depois da forma, ou Clob, quando somente o claro-escuro são determinantes na resposta, quando o examinando só tem o impacto, não vê forma.

Quando as respostas se referem a cores acromáticas, denominamos de FC’, quando o examinando define forma e cor nas manchas em preto e branco; C’F, quando o examinando vê primeiramente a cor e depois a forma, e C’, quando o examinando vê apenas a cor, sem a forma.

---

<sup>7</sup> KLOPFER, B. “Técnicas de Psicodiagnóstico de Rorschach”. Manual. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1952.

É classificada de CN – cor nomeada, a resposta que é formada apenas pelo nome da cor, e ainda Clum – cor iluminada, quando a resposta se refere ao brilho.

As respostas de Cor, para Cimbliris e Leite (2000) são baseadas no princípio do prazer, expressam sentimentos, estão associadas à vida emocional e afetiva do indivíduo, e na análise do Rorschach, é um dos fatores principais na leitura da impulsividade, o que será discutido no capítulo a seguir, que trata sobre impulsividade na prova de Rorschach.

## **Conteúdo**

Os conteúdos da prova de Rorschach derivam da pergunta que H. Rorschach fez em seu questionário quando da época da elaboração de seus estudos: ao olhar para as pranchas, o que se vê?

Segundo Adrados (1973), “As manchas de Rorschach de tal forma foram elaboradas que praticamente dão lugar a todo tipo de respostas sobre os mais variados seres e objetos, tanto conhecidos como fruto da fantasia” (p. 95).

A quantidade de conteúdos expressos em um protocolo pode variar bastante, e os mais comuns referem-se à figura de animais, humanos e objetos.

No protocolo de respostas, desde os estudos de H. Rorschach, a grande maioria apresentava conteúdo animal.

O conteúdo animal é destinado a todas as respostas em que o examinando percebe animais. É classificado como A. Caso o examinando veja um animal com características mitológicas e fantasiosas, ou descaracterizado de sua real aparência, é classificado como (A). Se o animal é visto em parte, Ad e se esta parte está descaracterizada, (Ad).

O conteúdo humano nos auxilia na apreensão das relações do examinando, “visto que a capacidade de perceber o humano denuncia a forma pela qual a pessoa lida e se relaciona com o outro em termos éticos e morais, e a forma e capacidade de estabelecer vínculos”. (OLIVEIRA, 2004, p. 92)

De modo semelhante, são classificadas como respostas de conteúdo humano, todo o percepto que se refere a uma ou mais pessoas, estejam elas em movimento ou paradas. Rorschach chamou esse percepto de H. Quando o ser humano é visto de forma mitológica, monstruosa ou fantástica e/ou dessa forma, executando tarefas exclusivamente humanas, são referidos como (H). Se o examinando percebe apenas partes do corpo, são classificados como Hd e, se ela for descaracterizada, (Hd).

Os objetos podem aparecer como conteúdo e são de especial atenção em nossa análise se estiverem associados ao movimento – Kob.

Outros dados são utilizados como forma de avaliação para a Prova de Rorschach, como as respostas banais B, também conhecidas por outros autores como vulgares V e também as respostas originais O, os fenômenos especiais e as fórmulas vivenciais, que veremos a seguir.

### **Respostas Banais**

Alguns autores também chamam esse tipo de resposta de vulgar ou popular e, segundo Cimblaris e Leite (2000), “o aparecimento de respostas banais, comuns e quase banais revela informações relativas às semelhanças do indivíduo com as pessoas em geral. As pessoas têm, em geral, muito em comum com as outras”. (p.50)

Apesar de existirem várias tabelas correspondentes a diversas escolas, essas respostas aparecem com grande frequência, em média uma vez a cada três protocolos. O que pode significar que elas demonstram parte do pensamento do grupo ao qual o examinando pertence, considerando as peculiaridades regionais, ou seja, podem existir respostas banais em um determinado grupo e que essas mesmas respostas podem não aparecer com a mesma frequência em outro grupo, outra região ou em qualquer parte do mundo. Apesar das possíveis diferenças, cada estudo, seja ele de qualquer escola (francesa, americana, brasileira), referem-se basicamente às mesmas respostas.

Como exemplo da coincidência das respostas, mesmo diante das adversidades regionais e culturais, Pasian (2000), em estudo desenvolvido em Ribeirão Preto – SP/ Brasil, em seu levantamento de respostas banais, concluiu que a maioria das respostas banais percebidas em seu estudo coincide com outros levantamentos, ressaltando, conforme seus estudos a numeração destinada à localização nos atlas, que em alguns casos difere dos outros autores, apesar da localização ser a mesma.

Pasian (2000) indica como banais percebidas de forma Global e em Detalhe, as seguintes respostas:

- 1) Prancha I: borboleta ou morcego (G);
- 2) Prancha II: dois animais (D2 ou D4);
- 3) Prancha III: figuras humanas (D4);

- 4) Prancha IV: monstro, animal (G);
- 5) Prancha V: borboleta, morcego (G);
- 6) Prancha VI: pele de animal (G).
- 7) Prancha VII: duas figuras femininas (G), dois rostos de figura feminina (D2), cabeça de animal (D2);
- 8) Prancha VIII: dois animais quadrúpedes (D1);
- 9) Prancha X: aranha ou caranguejo (D1).

A prancha IX, da mesma forma que nos estudos citados por Adrados (1973), Anzieu (1978) e Vaz (1986), não apresentou respostas banais.

### **Respostas originais**

Segundo Rorschach (1978), “respostas originais são interpretações que aparecem em indivíduos normais numa base de uma em cada 100”. (p.48)

Este tipo de resposta pode apresentar-se com forma positiva (O F+), bem vista, ou com forma negativa (O F-), mal vista, e as interpretações qualitativas seguem os mesmos critérios da forma.

Para Adrados (1973), esse tipo de resposta tem relação com a flexibilidade do pensamento, com a capacidade criadora e com a inteligência de um modo geral de cada indivíduo que emite essas respostas. Ainda segundo a autora, artistas costumam fornecer um alto número de respostas originais, e “estas respostas apresentam a individualidade de pensamento de quem as produz, a sua originalidade e o grau de afastamento entre suas idéias e as do vulgo”. (p.108)

Para Cimblaris e Leite (2000), “quanto maior o número de respostas O, e melhor seu nível de forma, mais criativa e produtiva é a pessoa, exceto nos casos em que as respostas originais têm o nível de forma negativo”. (p.50)

Como podemos observar, a originalidade retrata a individualidade, a criatividade, uma visão diferenciada de mundo de quem dá esse tipo de tratamento às manchas, ao que vê, e essa definição tem sido adotada de forma auxiliar na análise qualitativa das respostas do protocolo. Pois, do mesmo modo que elas são vistas positiva ou negativamente, nos remetem a algumas características segundo Adrados (1973):

Resumindo, as respostas originais estão em relação com a inteligência e com os transtornos dos processos mentais. Originais positivas em proporção razoável de até 30% são próprias de pessoas inteligentes e bem humoradas; percentagens acima de 50% positivas unicamente se encontram em protocolos de artistas quase sempre um pouco incoerentes, extravagantes e com escassa participação da realidade. Quando as originais são negativas pertencem a protocolos de oligofrênicos. Quando coexistem positivas e negativas com predomínio das últimas são próprias dos esquizofrênicos. (ADRADOS, 1973, p.109)

### 3.3 Fenômenos Especiais

Durante a aplicação do Rorschach, podem ocorrer algumas variações que são denominadas de fenômenos especiais. Esses fenômenos atribuem valor qualitativo à análise das respostas. A sua relevância é proporcional ao seu significado e sua frequência, porém, alguns fenômenos podem acontecer apenas uma vez e serem importantes de acordo com o que se pretende avaliar.

Segundo Cimbliris e Leite (2000), foram catalogados vinte e um fenômenos especiais a seguir, com a respectiva avaliação e significado, conforme as autoras.

- **Consciência de interpretação:** ocorre quando a pessoa interpreta a resposta ao invés de descrevê-la (ex: não é realmente assim, é parecido...). Esse fenômeno aumentado aparece em depressivos e pedantes, se for rebaixado aparece em graus leves de oligofrenia e esquizoidia. “Nos casos de leve rebaixamento da consciência de interpretação, pode ser ansiedade e insegurança frente à situação-teste” (p.58).
- **Crítica do sujeito e do objeto:** crítica ao sujeito corresponde a críticas a si mesmo, como se revelasse uma incapacidade de fazer o teste. São consideradas atitudes de baixa estima. (ex: não sou bom em interpretação...). A crítica ao objeto está mais presente na crítica da forma. Acontece de forma preventiva, de defesa. Traduz prudência, reserva e angústia. (ex: isto aqui não é bem uma mão).
- **Choque a cor** (cromáticas e acromáticas): é um bloqueio momentâneo motivado pelo estímulo afetivo da cor (ex: nossa, que coisa alegre! Ou então – que horror, essas cores não combinam!). Nessa categoria de choque, encontram-se várias subdivisões como:

- a) choque ao vermelho, que pode significar representações da libido ou representações agressivas e sádicas. É preciso cautela para identificar se o choque ocorre exclusivamente em relação ao vermelho ou a outra cor;
- b) choque ao claro-escuro ocorre com estupor diante da apresentação de uma lâmina escura. Pode significar negação ou outros sinais de repressão;
- c) choque ao branco: ocorre uma sensação desagradável em relação às partes brancas, fora da mancha, e significa uma luta contra o feminino, em ambos os sexos.
- d) choque ao vazio: ocorre nas pranchas II, VII e, principalmente na IX. Significa dificuldade com a figura materna e está relacionado a perdas não elaboradas;
- e) choque ao negro: pode representar o poder da autoridade, bem como culpa e angústia relacionados ao pai e a masculinidade;
- f) cor nomeada: é a simples denominação das cores sem elaboração e representa a emoção em estado puro e primitivo. É um forte indicador de problemas emocionais, é um caminho livre para a liberação das emoções sem controle;
- g) cores falsas: é a atribuição de cores incoerentes aos objetos. Representa a simulação de sentimentos e afetividade.
- **Choque cinestésico:** pode ocorrer de duas formas. a) na ausência de respostas de movimento nas pranchas I, II, III e IX, indicando a defesa contra a angústia e problemas com a figura humana, e b) ocorre quando a resposta começa com movimento e depois se transforma em respostas inanimadas. (ex: parecem crianças brincando, mas são somente estátuas).
- **Simetria:** ocorre quando o examinando fala sobre a simetria da mancha ou da imperfeição da simetria. Um dado interessante sobre esse tema, é que no teste de Zulliger, a busca intensa de simetria é sinal de insegurança interior e angústia frente à própria impulsividade. Outra consideração, nas pirâmides coloridas de Pfister segundo Villemor-

Amaral (2005), a simetria horizontal sugere certa insegurança, instabilidade interna e busca do equilíbrio com a presença de conduta cautelosa e prudente.

- **Confabulação:** ocorre quando o examinando utiliza um detalhe da mancha e acrescenta elementos imaginários criando uma história que não cabe naquele contexto. Ele desconsidera o restante da prancha e detém-se na sua criação/imaginação. "Geralmente esse fenômeno é classificado como DG, ocorrendo tanto em neuróticos, com repressão intelectual, quanto em normais pouco inteligentes, débeis, maníacos, [...]" (CIMBLERIS e LEITE 2000, p.64)
- **Contaminação:** ocorre quando o sujeito acrescenta no que viu um elemento inexistente, absurdo (ex: é um alicate com olhos, saindo fumaça das narinas). Parecem específicas de pensamento esquizofrênico, e é um fenômeno comum em crianças até sete anos.
- **Perseveração:** esse fenômeno está ligado diretamente aos conteúdos e ocorre na repetição da resposta. O examinando encontra a mesma resposta em várias pranchas. O que foi percebido anteriormente insiste em retornar nas outras pranchas. Pode estar associada à rigidez e automatismo psicológico do sujeito.
- **Estereotipia:** ocorre na maioria das vezes em respostas animais e manifesta-se na preferência de um mesmo tema. É um fenômeno ligado a pouca inteligência e à falta de capacidade de criar coisas novas, prendendo-se ao primário, ao elementar.
- **Respostas infantis:** ocorrem com a frequência de respostas que são da preferência das crianças em protocolos de adultos como mapas, letras, números e objetos estranhos. A terminação *inho* nas respostas, também é indicativa de respostas infantis e são características de imaturidade e formação reativa.
- **Auto-referência:** quando a própria pessoa se projeta na resposta. Ocorre com pessoas fechadas em seu próprio mundo (ex: esta é a minha casa, este sou eu).

- **Resposta de localização:** quando a resposta dada se refere à posição que ela ocupa na mancha, mesmo que não corresponda a forma do que se diz (ex: isto no alto é a cabeça, então logo abaixo é o pescoço e o ombro).
  
- **Dificuldade de localização:** ocorre quando, no inquérito, o examinando não consegue mais localizar a sua resposta (ex: eu vi um sapo, mas agora não o vejo mais, mas ele está por aqui...). Supõe-se dificuldade de perceber a realidade.
  
- **Respostas alternativas:** acontece quando o examinando dá duas ou mais alternativas de resposta, não se decide no que realmente acha que seja. Denota insegurança (ex: é uma perna ou um graveto).
  
- **Pedantismo na formulação:** é uma resposta com muitos detalhes e minúcias. O examinando responde de forma prolixa e exagerada, como se quisesse demonstrar capacidade de elaboração e inteligência (ex: é a chuva que quando cai gota a gota e penetra no solo, em cada grão de areia e forma uma pequena poça d'água que aumenta a cada segundo, com cada gota que cai). “Na psiquiatria clínica, o pedantismo na formulação é sintoma de epilepsia lesional ou genuína, ou alterações epileptóides de caráter.” (CIMBLERIS e LEITE 2000, p.68).
  
- **Respostas reflexo:** quando o examinando responde como se o que visse estivesse refletido em espelho ou água. Esse tipo de resposta denota narcisismo e preocupação com a própria imagem.
  
- **Estupor a símbolos sexuais:** por serem simétricas e conterem eixos, as manchas do Rorschach, trazem a semelhança com órgãos genitais, tanto masculinos quanto femininos (aproximadamente onze). Algumas pessoas que assim percebem, sentem-se perturbadas com esse tipo de resposta. O significado geral é de angústia sexual, não importando se em homens ou mulheres.
  
- **Associação acústica:** é um tipo de percepção alterada e muito rara. Ocorre quando o examinando, tamanha sua admiração pelo que visualizou, consegue ouvir o som correspondente àquela imagem ou cena (é uma cascata, dá para ouvir o barulho da água



caindo, ssschuááá...). Segundo Cimblaris e Leite (2000), esse fenômeno aparece quase sempre em apaixonados pela música, e até hoje não se investigou a relação dessas respostas com uma tendência a percepções sensoriais.

- **Ilusão de semelhança:** acontece quando o examinando comenta sobre a semelhança e até igualdade das pranchas, como se já tivesse visto no momento anterior. Ocorre em pessoas que estão acostumadas a projetar no ambiente as suas próprias dificuldades e que fogem de suas culpas sempre que possível.
- **Dissimulação:** ocorre quando a pessoa nega a angústia e diz da alegria ou leveza de uma lâmina cinza ou escura. É um fenômeno que aparece em pessoas de temperamento cíclico (PMD). Para a psicanálise é um mecanismo parcial de defesa.
- **Recusa:** ocorre quando o examinando não consegue ver nada na prancha apresentada, ou consegue ver e não sabe como nominar. Nesse momento cabe ao examinador ter habilidades para conduzir o inquirido e verificar o grau de repressão em relação ao que foi mostrado. É mais comum ocorrer nas pranchas II, IV, VI e IX, pode estar ligada ao choque a cor, ao vermelho e ao cinza e pode significar dificuldade diante da vida ou má vontade em realizar o teste.

Passalacqua e Gravenhorst (2005), em obra publicada especialmente dedicada a esse assunto, elencam 159 fenômenos especiais, dos quais faremos algumas referências na análise dos dados.

### 3.4 Fórmulas Vivenciais

Outro assunto relevante como base de análise nesse estudo são as fórmulas vivenciais, que foram nomeadas por Pasion (2000) como descritivas da *dinâmica afetiva*.

Essas fórmulas estabelecem as proporções relacionais entre as variáveis da prova com o sistema interno de funcionamento e equilíbrio psíquico.

Rorschach (1978) classificou-as como um modo de relação mútua das respostas de movimento com as respostas de cor. Considerou nos seus estudos que as respostas de cor

manifestaram-se como representantes da afetividade e que “quanto mais cores, mais lábil será a afetividade. Quanto mais cinestésias, mais estável será a afetividade”. (p.78)

Com fórmulas específicas de relação entre esse tipo de respostas, Rorschach criou cinco modalidades de vivências, de estilo de afetividade, de formas de contato com o próximo diante das habilidades afetivas de cada um, e nessa combinação de resultados, encontramos sujeitos em que predominam as cinestésias, ou as cores, ou ainda em que ambas encontram-se de forma equilibrada, com várias ou nenhuma resposta de cinestesia ou de cor.

Rorschach elaborou uma síntese de características predominantes conforme o tipo vivencial.

**Onde predominam as cinestésias:**

Inteligência mais diferenciada; Mais produtividade própria; Vida mais orientada para o interior; Afetividade mais estabilizada; Menor capacidade de adaptação à realidade; Contato mais intensivo que extensivo; Mobilidade comedida, mais estável; Comportamento desajeitado, inabilidade.

**Onde predominam as cores:**

Inteligência mais estereotipada; Mais reprodutividade; Vida mais orientada para o exterior; Afetividade lábil; Maior capacidade de adaptação à realidade; Contato mais extensivo que intensivo; Mobilidade excitada, lábil; Jeito, habilidade. (RORSCHACH, 1978, p.81)

Para Rorschach (1978) motilidade e afetividade estão intimamente relacionadas, e os termos estabilidade e labilidade podem ser utilizados tanto para uma quanto para a outra, e as cinestésias, enquanto respostas, estabilizam as duas.

Por apresentar uma leitura qualitativa, trazemos o texto do próprio Rorschach para adequá-lo à leitura das posturas do indivíduo.

Uma labilidade afetiva disciplinada, “comedida”, resulta em capacidade de adaptação afetiva, em capacidade de contato. A labilidade motora controlada, “comedida”, resulta em capacidade de adaptação motora, adestramento. [...] Um grau muito elevado de controle da motilidade e da afetividade transforma o contato afetivo em “etiqueta” e a motilidade em “rigidez de atitudes”. As cinestésias e as cores desaparecem completa e invariavelmente sob a ação de um máximo de autocontrole consciente, quer seja ele consciente em um dado momento, ou resultante da automatização de um aprendizado longo e consciente. Através desse homem-etiqueta, controlado ao máximo, chegamos novamente ao metucioso que não produz nem K, nem C e sim um máximo de F+. (RORSCHACH, 1978, p. 83)

Diante das combinações, os tipos de vivência dividem-se em cinco: introversivo, extratensivo, ambigüal, coartado e coartativo, e todos estão relacionados ao número de respostas fornecidas de movimento humano e de cor.

### **Introversivo**

Nos sujeitos introversivos as respostas de movimento humano sobrepõem às de cor ( $K > C$ ).

O sujeito introversivo tende a reagir bem à aplicação do teste devido a sua disposição intelectual. A sua afetividade funciona mais de forma intensiva do que extensiva, predominantemente na esfera intelectual. Geralmente é criativo e vive intensamente suas fantasias e imaginação: pensa e elabora mentalmente mais do que age. Esse tipo é próprio de intelectuais puros e artistas. Crianças e adolescentes com esse tipo são dificilmente educáveis, costumam ser mais críticas e individualistas, fazendo com que se sintam isoladas do grupo.

### **Extratensivo**

Nos sujeitos extratensivos as respostas de cor sobrepõem às de movimento humano ( $K < C$ ).

O sujeito extratensivo é o extremo oposto do introversivo. Apresentam uma relação afetiva mais fácil e expansiva, confraterniza-se com facilidade, e é mais instável e mais lábil que o introversivo. Diante de tensões provenientes do meio externo tem facilidade de perder o controle emocional e apresenta motilidade excitável. É um perfil próprio de histéricos. O extratensivo vibra com os acontecimentos, é influenciável pelo ambiente, é mais objetivo e materialista, sua inteligência é mais reprodutiva que criadora.

### **Ambigual**

O sujeito Ambigual apresenta um equilíbrio entre as respostas de movimento humano e cor, contanto que o número de resposta não seja zero ou um ( $xK : xC$ ).

O tipo Ambigual apresenta um equilíbrio de energias interiores e energias provenientes do mundo externo. Indica que o sujeito apresenta uma relação harmoniosa entre a energia interna e a indutora de respostas da experiência dos objetos, das situações do mundo externo.

Quando todos os outros aspectos do teste também estão equilibrados, os ambiguaus são considerados sujeitos privilegiados, psicologicamente maduros e equilibrados, compensados afetivamente e dinamicamente integrados com o mundo. As pequenas diferenças entre os

valores criam os tipos normais psicologicamente, mas que se caracterizam por uma maior tendência à introversão ou a extroversão.

### **Coartado e Coartativo**

O tipo Coartado caracteriza-se pelo predomínio de respostas formais com ausência total de cinestésias e respostas de Cor (0K : 0C).

Os sujeitos coartados são pessoas formais em que predomina o pensamento lógico disciplinado, com hiperfunção de atenção consciente, fazendo com que ajam sob controle construtivo, com poucas condições de se decidirem diante de situação de tensão, em que componentes afetivos estejam envolvidos e também com pouca ou nenhuma capacidade empática. Os sujeitos tipo coartados são estritamente formais e sentem-se incomodados quando precisam lançar mão de mecanismos com componentes afetivos e de imaginação.

Segundo Adrados (1973), os coartados apresentam posturas pedantes e poucos são os normais que apresentam esta fórmula vivencial.

Outro tipo semelhante é o Coartativo, que possui as mesmas características do Coartado, porém, menos marcantes (1K : 1C, 1K : 0C ou 0K : 0C).

## **4 IMPULSIVIDADE NA PROVA DE RORSCHACH**

O legado de Hermann Rorschach – a criação da prova de Rorschach – pelo interesse da continuidade de seu estudo, proporcionou a fundação de várias escolas como a francesa, a americana, a alemã, a brasileira e outras com leituras e adaptações diversas que, embora com nomenclaturas e caminhos diferentes, convergem para uma interpretação de resultados semelhantes.

A impulsividade pode ser identificada em vários aspectos do teste, e esse estudo nos mostra os aspectos relevantes como forma de identificação de impulsividade.

Para Silveira (1985), estudioso e fundador da Sociedade de Rorschach de São Paulo, a impulsividade é definida como a tradução da sensibilidade aos estímulos afetivos básicos, mais primários, primitivos e pouco elaborados, porém, segundo este autor, os estímulos são necessários por estimularem as funções da individualidade e os instintos básicos de manutenção da vida. (PELLINI, 2000, p.59)

Para Klopfer<sup>8</sup>, “os impulsos que buscam a gratificação imediata têm base instintiva e se originam nas camadas mais primitivas ou arcaicas da personalidade”. (SILVA, 1987, p.43)

Retomando o foco para a nossa pesquisa e analisando esse autor, podemos dizer que a gratificação imediata do policial é conseguir salvar vidas e aplicar a lei, mesmo que seus atos estejam no limiar entre o impulso e a prontidão.

Para Traubenberg (1998), o teste de Rorschach abre uma nova via de acesso aos processos perceptivos e esclarece a relação existente entre percepção, representação e afetividade. Podemos concluir então, que o teste de Rorschach fornece informações contundentes para investigarmos a impulsividade.

Traubenberg (1998), em seus estudos sobre as resposta de Cor, diz que o próprio Hermann Rorschach, constatava que os dados-cor apresentam altas variações individuais tanto nos indivíduos de boa saúde como nos doentes, e que essas respostas refletem uma disposição geral diferente da disposição individual das respostas sinestésicas, de movimento humano. Segundo a mesma autora, essa ‘disposição geral’, que se sujeita à representação, é a afetividade.

Perceber uma cor não necessita nem de vontade nem de esforço, porquanto somos “invadidos” ou “possuídos” por ela. Dos dois tipos de relações instauradas entre o mundo exterior e o sujeito, aquele em que o objeto exterior influencia o sujeito refere-se ao efeito da cor; é um modo de relação caracterizado pela passividade, no sentido em que o sujeito não provoca a relação, mas se submete a ela. (TRAUNBERG, 1998. p.115-116).

Para Schachtel<sup>9</sup>, “o processo perceptivo é essencialmente passivo; ele é imediato e indiferenciado, não exige intermediário de reflexão nem de organização”, o indivíduo torna-se passivo diante das suas emoções, não só aos estímulos externos. As emoções ditam suas atitudes, a sua postura diante da vida. (TRAUNBERG, 1998, p.116)

Para Pellini (2000), a esfera afetiva é o setor básico da personalidade que reúne as funções subjetivas: instintos e sentimentos. E o estudo da esfera afetiva é feito pela análise minuciosa das respostas de Cor (C, CF, FC), que representam a afetividade e permitem medir a reação e a labilidade afetiva, em que as respostas C puras representam reações instintivas primárias e ainda não socializadas, e os impulsos representariam então o mais alto grau de labilidade afetiva.

---

<sup>8</sup> KLOPFER, B. e col. *Developments in the Rorschach Techniques*, Marcourt, Brace e World, Inc., New York, 1953.

<sup>9</sup> SCHACHTEL, E. *Experiential Foundations of Rorschach's Test*. New York: Basic Books, 1966.

Quando o que ‘salta aos olhos’ em um primeiro contato são as cores, as respostas C, podemos dizer que aquele indivíduo é levado pela emoção, pela afetividade, pelo primitivo, daí a relação com a impulsividade, e quanto mais relação com a forma essa resposta apresentar, maior será o grau de racionalização, de sociabilidade.

Para Rorschach (1978), as respostas FC são indicadoras do tipo de afetividade que facilita a boa adaptação aos outros. Segundo esse autor, a presença de respostas FC implica que o sujeito passou por um processo de socialização apropriado das atitudes emocionais do indivíduo. Diferente das respostas CF, que revelariam atitudes emocionais autocentradas e lábeis, que indicam tanto uma capacidade de entusiasmo como também de sugestibilidade, irritabilidade, oportunismo, ausência de compaixão, bem como egocentrismo. Porém, o sinal de forte impulsividade era visto, por esse autor, nas respostas de C puro, que demonstram o domínio das emoções sobre as ações, uma tendência para atitudes imediatas e imprevisíveis de medo, aversão, entusiasmo, simpatia/antipatia e brutalidade.

Assim, de acordo com Rorschach (1978), o grau de controle exercido sobre os impulsos emocionais pode ser visto indiretamente a partir de relação de FC com a soma de CF e C.

Segundo Pellini (2000):

Espera-se que as respostas FC estejam associadas com as reações emocionais bem controladas, enquanto as CF e C indicam uma tendência para reações emocionais autocentradas e impulsivas, sendo que a relação  $FC > CF + C$  serve como uma “medida” do grau de impulsividade ou controle emocional. (p.65).

Há também diferenças qualitativas entre as percepções de cor, com interpretações relativas à intensidade do impulso e ao grau de ajustamento emocional, levando-se em consideração a qualidade das respostas. No teste de Rorschach, há diferenças qualitativas em relação à reação à cor vermelha das pranchas II e III e às cores das outras pranchas coloridas.

Silveira (apud Pellini, 2000), propôs em seu trabalho “Impulsividade e modos de dominá-la” (1970), o índice de impulsividade, analisando que:

[...] as respostas às pranchas II e III podem derivar de reações afetivas mais primitivas, as quais se superam com a maturação psicológica, ao passo que as provocadas pelas pranchas VIII e X se ligam a tendências mais socialmente aceitas [...] (p. 58).

Portanto, o índice proposto por Silveira para avaliar a impulsividade consiste na relação entre pranchas com estímulos cromáticos, nos valores obtidos pela soma de respostas nas pranchas II e III sobre a soma de respostas nas pranchas VIII, IX e X, criando a fórmula:

$$\text{Imp} = R(\text{II}+\text{III}) \div R(\text{VIII}+\text{IX}+\text{X}).$$

Originariamente, a análise das respostas pelas cores é feita por vários autores com o entendimento da relação com os afetos e emoções.

Para Adrados (1973):

As respostas C puras são representativas da impulsividade. Nelas foi abandonado o conceito formal; a cor é tão estimulante para o examinando que este logo se deixa envolver por ela aceitando-a sem a menor restrição.

São expressivas estas respostas da emoção sem controle, mas como as emoções se tornam visíveis por reações corporais (pois que todo nosso organismo responde ao estímulo emocional), as violentas descargas emocionais serão acompanhadas de abruptas descargas motrizes. A presença destas respostas indica estados de intensa irritabilidade e instabilidade afetiva e também a explosividade das emoções. (p.64-65)

Assim, Adrados (1973) afirma que as manifestações afetivas serão diferentes de acordo com as tonalidades de cor escolhidas; as pessoas que escolhem tonalidades quentes (vermelho, laranja e amarelo), costumam ser mais amáveis, espontâneas e mais francas em seus relacionamentos ou contatos afetivos do que as pessoas que escolhem tonalidades frias (verde, azul e cinza esverdeado), que costumam ser mais reservadas, reprimidas e distantes.

Para Adrados (1973), “a sugestibilidade, impulsividade, capacidade de relacionamento, de adaptação e de empatia, muda nas suas manifestações externas de acordo com as combinações das respostas de cor”. (p.65)

Mesmo em outras técnicas, o significado das cores não costuma diferir do utilizado na prova de Rorschach. Para Van Kolck (1981), em seus estudos sobre interpretação psicológica de desenhos, em que faz referências às cores, diz que a cor é a expressão da afetividade e que os afetos, as emoções e os sentimentos são revelados pelo uso das cores, e a cor tem sido considerada em oposição à forma quanto ao significado básico: a cor expressaria a vida emocional e afetiva, e a forma representaria as atividades intelectuais. Diz ainda:

A idéia dessa relação aparece, em primeiro lugar, no psicodiagnóstico de Rorschach (1921) em que a interpretação das formas e das cores, nas respostas às pranchas coloridas, fornece elementos para a caracterização afetivo-emocional básica do sujeito. O próprio Rorschach classificou a resposta de cor em três categorias: Forma-Cor (FC), Cor-Forma (CF) e Cor Pura (C), com seus significados específicos: a primeira – afetividade adaptada, a segunda – afetividade egocêntrica, e a terceira – impulsividade. (p. 54)

Para Van Kolck, o vermelho – o mesmo encontrado nas pranchas II e III da prova de Rorschach, “[...] representa as tendências instintivas. Sugere reações emocionais fortes, rápidas e bruscas, desejos e necessidades facilmente excitáveis com demanda de satisfação imediata, comportamento infantil, destituído de autocrítica”. (p.56)

Para Schachtel (apud Traubenberg, 1998), em relação à Cor, a atitude básica do sujeito frente a estas forças externas a ele é, fundamentalmente, de ‘espectador importante’. O sujeito não pode ser responsabilizado pela ação percebida, é impotente diante dela ou de sua ameaça, ele não pode influir ou impedir. A cor surge como algo imediato, salta aos olhos e à reação. Tem relação íntima com o que há de mais primitivo.

Para Anzieu (1981):

C puro denota impulsividade, ausência de controle sobre as emoções, que não foram educadas, nem socializadas; com muita frequência, o conteúdo da resposta, ou o contexto, possibilita determinar que emoções ou impulsos estão em jogo, sendo o caráter explosivo da descarga muito mais perigoso na medida em que aparecem também respostas K e Dbl (tendência a passar ao ato). (p. 82)

Segundo Rorschach (1978), “as respostas primárias de cor, as C, são as representantes da impulsividade. Quanto maior o número de C, tanto maior a inclinação para os impulsos.” (p.32)

Nesse momento da leitura, o leitor precisará fazer algumas adaptações da codificação do Rorschach, pois os códigos utilizados por nós nesse estudo correspondem à escola francesa, e outros estudiosos que seguem outras escolas, referem-se a alguns códigos de forma diferente.

Porém, nos casos de citações, não ousarei em mudar o texto do autor, independente da nomenclatura que use, de acordo com a escola que segue. Assim, sugiro que o leitor utilize as indicações abaixo cada vez que, em citações, apareçam códigos incomuns à leitura desse texto.

	Escola Francesa	Outras escolas
Movimento Humano	K	M
Movimento Animal	Kan	FM
Movimento Inanimado (objetos ou forças da natureza)	Kob	m
Movimento Humano (quando o humano não está inteiro)	Kp	m
Espaço em branco	Dbl	Ds; S

Outro ponto importante a ser destacado na identificação da impulsividade na prova de Rorschach, é a incidência de Kan – movimento animal – que, para Pellini (2000), indica



tendência à ação ou fantasias menos integradas à realidade objetiva, atitudes básicas da infância, fase em que os instintos e a necessidade de satisfação imediata predominam.

A presença de K – movimento humano – de modo geral, revela capacidade criadora, percepção dos fatos de maneira peculiar, revela ainda a compreensão intelectual amadurecida de cada nova situação. Quando o sujeito apresenta K, sem agir impulsivamente, procura guiar-se pelas próprias concepções, não deixando, portanto, de considerar a realidade objetiva. Então, quando em um protocolo encontramos um número superior de respostas Kan sobre as K, segundo Pellini, temos outro indicativo de impulsividade, baseada na imaturidade psíquica.

Para Klopfer (apud Silva, 1987), a presença de respostas do movimento animal, pode significar problemas de integração com o sistema de valores conscientes.

A explicação é de que a presença de FM indica conforto em relação aos impulsos e a possibilidade de expressão simbólica, o que significa um relativo adiamento da ação. Não dar FM, a rejeição do impulso, ou dar em excesso, a super aceitação, revela baixa tolerância à frustração e tendência em procurar mecanismos de redução da tensão, antes que esta seja conscientizada e aceita. (p.43)

Segundo Silva (1987), existem autores que analisam o tipo do animal apresentado, entre agressivos ou passivos, sangue quente ou frio, e a partir daí formulam hipóteses relativas à força e consistência de certos impulsos instintivos básicos.

Ainda em termos de movimento, na busca de identificar a impulsividade, Silva (1987) utiliza a interpretação de Klopfer sobre o movimento inanimado, de objetos ou de forças da natureza, que em nossa leitura chamamos Kob, quando diz que:

[...] o *m* é um reflexo da consciência das forças, fora do controle do sujeito, que ameaçam a organização de sua personalidade, o sistema de valores e sua auto-imagem. Significam tensão e conflito, por necessidade de reprimir impulsos. Por outro lado, parece que, para Klopfer, o *m* ocupa o papel básico de sinal de alarme, sendo, portanto, uma manifestação de ansiedade, precursora da ansiedade primária e traumática. (p.47)

Silva (1987) usa como exemplo a erupção de um vulcão ou explosão, que podem significar o desejo e o medo de descontrole de impulsos inibidos, reprimidos.

Outra categoria dos determinantes são as respostas de esfumaçado, que são codificadas por E, e que são determinadas pela cor cinza e suas nuances. Para Rorschach, as E são sinal de afetividade tímida, de uma busca ansiosa de adaptação.

Para Piotrowski (apud Anzieu 1981), existem dois significados para as resposta de E. Um deles é a capacidade de suprimir um impulso carregado de afeto, que impele à ação, e para isso, é preciso que o aparecimento de E seja em maiores proporções que o C, pois, em

termos de depressão, o E tem valor análogo ao de C, em termos de impulsos. Assim, se  $\sum C > \sum E$ , significa que o indivíduo apresenta espontaneidade perigosa, tendência à perda de controle, sob uma forma agressiva ou sexual.

A combinação entre os determinantes é quem vai ditar a leitura do sujeito. Entendemos que nas respostas de Forma prevalece a razão, nas de Cor a emoção, nas de Movimento Animal a espontaneidade de expressão de desejos e nas de Esfumaçamento os processos de ansiedade ou capacidade de suprimir um impulso carregado de afeto. O equilíbrio dessas categorias auxiliará na leitura da impulsividade.

Como na maioria das análises de personalidade há a necessidade de confirmação de hipóteses diante de respostas encontradas, da mesma forma no psicodiagnóstico do teste de Rorschach, as hipóteses se confirmam conforme a integração de aspectos quantitativos e qualitativos, e uma das confirmações diante da apresentação de respostas de C puro, e do resultado das fórmulas com a presença de  $FC < C+CF$  e de  $K < kan + kob$ , é a identificação com o tipo de vivência.

Para Anzieu (1981), o tipo de vivência, ou ressonância íntima, indicado pelo teste de Rorschach, se refere a funções psíquicas, em que o extratensivo reage imediatamente às estimulações de fundo emocional, com repercussão primária; ao contrário do introversivo, que é reservado, com intensa vida interior e suas reações afetivas são estáveis, com repercussão secundária.

Segundo Adrados (1973), o tipo vivencial extratensivo, em que o  $M < C$ , encontra-se em indivíduos menos estáveis e de maior labilidade afetiva, eles apresentam uma relação afetiva mais fácil e expansiva. Para esta autora, “no transcurso da vida, mudamos a forma vivencial, marcando as fases mais significativas da curva de desenvolvimento [...], respeitando naturalmente as diferenças individuais”. (p.73).

Como o extratensivo é sensível aos estímulos de Cor, ele é mais habilidoso, mais ativo, suas reações afetivas são abundantes e as relações com os outros, superficiais. E, como foi constatado por Rorschach, as respostas determinadas pela Cor, expressam de forma complementar, uma exteriorização da vida emocional, relacionando assim, o vermelho à impulsividade e o azul, uma cor fria, ao autocontrole.

Como podemos perceber, é a combinação entre os fatores que irá determinar ou não o indicativo de impulsividade, embora saibamos que não precisamos de todos eles para a sua confirmação, destarte, outras respostas podem amenizar o aparecimento da impulsividade, permitindo ao indivíduo o controle adequado desses impulsos, com o aparecimento das cinestésias, que estabilizam tanto a motilidade como a afetividade.

A avaliação qualitativa é fundamental na combinação de fatores, pois através dela também podemos avaliar os choques e fenômenos especiais e as relações entre Forma, Cor, Esfumaçamento e Movimento.

Ao final desse capítulo, consideramos que impulsividade significa estar sob o domínio das emoções na busca da satisfação imediata de seus instintos mais primitivos e não elaborados, o que leva o sujeito a agir de forma impensada, precipitada e imediata ao estímulo, seja ele interno ou externo.

Na tentativa de resumir o arcabouço de possibilidades de localização de indícios de respostas de cunho impulsivo, traremos no quadro que segue, com base em Cimberis e Leite (2000), parte do que nesse estudo foi utilizado na investigação da impulsividade, considerando que cada fator explanado traz consigo a impressão diagnóstica também segundo suas autoras.

Este quadro demonstra informações de localização, determinante, conteúdo, bem como dados de análise qualitativa e algumas medidas proporcionais e combinações de respostas.

Quadro 1 – Possibilidades de início de Impulsividade

Tempo de reação muito curtos	< 20” – impulsividade e ansiedade.
Qualidade das respostas G	<b>DG</b> – tendência impulsiva a interpretações errôneas.
Respostas de Forma	<b>F%</b> < 30 – possível incapacidade de manter relacionamentos estáveis ou controle emocional inadequado.
Tipos de resposta K	<p><b>a) de extensão:</b> revela sujeitos corajosos, empreendedores, afirmativos.</p> <p><b>b) de atitude:</b> demonstra a existência de obstáculos à livre expressão do impulso. São índices de processo</p>

	ativo de repressão e de conflito interno.
Número de respostas Kan	<p><b>Kan &gt; 3</b> – espontaneidade, impulsos emocionais livres.</p> <p><b>Kan &lt; 3</b> – repressão das emoções e das necessidades básicas.</p> <p><b>Kan = 3</b> – impulsos moderados com gratificação moderada.</p>
Respostas Kob e Kp	<p>Conflitos e tensão devido à inibição de impulsos, principalmente se eles estão em conflito com objetivos.</p> <p>Sentimentos de que forças de impulso ameaçam a organização da personalidade.</p>
Número de respostas de Cor	<p><b>FC &lt; 4</b> – afeto mal adaptado. Controle emocional inadequado.</p> <p><b>CF &gt; 2</b> – impulsividade. Emocionalmente lábil. Reações emocionais exteriorizadas. Excessiva sensibilidade e irritabilidade.</p> <p><b>C puro</b> – falta patológica do controle emocional: explosivo e agressivo.</p> <p><b>CN</b> – pessoas que tentam muito, mas são incapazes de controlar os afetos.</p>
Qualidade das respostas de Cor	<b>F-C</b> – quebra de controle emocional. Esforço sem sucesso de controlá-lo. Afeto dominando o intelecto.
Combinação das respostas de	<b>FC &gt; CF + C</b> – pessoas normais com controle

Cor	adequado sobre os impulsos emocionais, contraindicando <i>acting-out</i> explosivo.
	<p><b>CF &gt; FC</b> – imaturidade emocional, <i>acting-out</i> impulsivo. Controle afetivo fraco.</p> <p><b>CF + C &gt; FC</b> – controle fraco sobre as respostas emocionais, tendência a comportamento agressivo. Narcisismo e impulsividade egocêntrica.</p> <p><b>FC + CF + C = zero</b> – repressão severa dos afetos. Condições neuróticas obsessivo-compulsivas com defesas intelectuais. Organicidade.</p>
Resposta de Esfumado	<b>E = zero</b> – Ausência da culpa, da ansiedade e da angústia. Há repressão da necessidade de afetos.
Tipos Vivenciais	<p><b>K &gt; C</b> (introversivos) – afetividade estável, motilidade comedida e estabilizada.</p> <p><b>K &lt; C</b> (extratensivo) – labilidade afetiva, motilidade excitável e lábil.</p> <p><b>0K = 0C</b> (coartado) – personalidade rígida, bloqueada, contraída, que se separou de toda fonte emocional. Rotineiros, automatizados.</p>
Fórmula cromática – número de respostas nas pranchas coloridas.	<p><b>VIII, IX e X ≥ 40%</b> sugere: super-reatividade emocional.</p> <p><b>VIII, IX e X ≤ 30%</b> sugere: fuga às situações suscitadoras de emoção. Personalidade inibida, introvertida ou inexpressiva.</p>

Combinções de movimentos	<p><b>kan &gt; K</b> (K=3) – egocentricidade, desejo de gratificação imediata. Pessoa dominada pelo princípio do prazer. Comportamento agressivo.</p> <p><b>K &gt; kan</b> (kan=3) – pessoas normalmente ajustadas e estáveis, com impulsos tipicamente subordinados a seu sistema de valores. Tolerância à frustração.</p> <p><b>K = kan</b> (=3 ou mais) – sujeitos normalmente ajustados, com desenvolvimento do ego satisfatório, em que os impulsos não estão em conflito com o sistema de valores.</p> <p><b>K + kan = zero</b> – repressão severa.</p>
Conteúdo humano	<p><b>H &lt; 20% ou ausência de H</b> – falta de controle consciente sobre os impulsos.</p> <p><b>H/Agr.</b> – sugere que as pulsões são fortes e heterodirigidas (verificar conotação).</p>
Conteúdo anatomia	<p><b>Ênfase nas respostas</b> – impulsos agressivos e destrutivos em relação àquilo que a pessoa tem medo.</p>
Sangue	<p>Labilidade, transtorno afetivo.</p>
Pedra	<p>Frieza afetiva.</p>
Comportamento emocional e expressões no conteúdo	<p><b>Conteúdo agressivo hostil</b> – com resposta de cores, sugere tendência de comportamento impulsivo.</p>
Combinação entre categoria de conteúdos	<p><b>H + Hd = zero</b> – sugere constrição, indiferença ou hostilidade para com as pessoas.</p>

Tratamento das pranchas	<p><b>Olhar no verso do cartão ou recusar pegá-lo na mão</b> – ansiedade devido a impulsos hostis e destrutivos.</p> <p>Maltratar os cartões – impulsos hostis, agressivos, fortes.</p>
Fenômenos especiais	<p><b>Simetria</b> – sinal de insegurança interior, angústia frente à própria impulsividade.</p> <p><b>Recusa</b> – não ver nada na lâmina II, que possui vermelho pode estar ligado ao choque ao vermelho. A simbologia sexual da lâmina II representa os impulsos primários.</p>

## 5 MÉTODO

Tratou-se de um delineamento do tipo quantitativo e qualitativo no sentido da sua complementaridade, em que o instrumento utilizado foi avaliado sob os dois aspectos.

Durante o processo de análise, os dados quantitativos foram tabulados primeiramente e posteriormente foram confrontados com os dados qualitativos levantados.

### 5.1 Procedimentos

Em um primeiro momento – o do desejo da pesquisa – foi feito um levantamento do material já avaliado em seleções internas anteriores, para a definição do problema a ser abordado.

Diante da confirmação do problema, o próximo passo foi pensar nas possibilidades de atuação diante da caserna, o que não foi impedimento, pois diante da seriedade da pesquisa e da sua futura serventia, não encontramos resistência perante os comandantes.

Com o projeto qualificado, levamos ao conhecimento do Comandante Geral da PMPA, momento em que pedimos a autorização oficial para a pesquisa. Com o visto autorizado partimos para a remessa do projeto juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para a apreciação e posterior autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário João de Barros Barreto, conforme estabelecido pelo Conselho Nacional de Saúde.

Foi feito contato com o comandante do CME e da Unidade Operacional envolvida, quando foi explicado o objetivo da pesquisa. Com a aquiescência dos comandantes, foi procedido levantamento junto às fichas disciplinares para enquadrar nos critérios de inclusão dos sujeitos.

Após esse procedimento, devido o grande número de possíveis sujeitos após a triagem, foi feita escolha aleatória por programa de computador e posteriormente, contato com os participantes para que conhecessem os objetivos da pesquisa e confirmassem ou não a sua participação, bem como tomassem conhecimento do TCLE, que contém informações básicas sobre a pesquisa.

O passo seguinte consistiu na aplicação do instrumento, em dias alternados, destinados para as instruções regulamentares daquela unidade, respeitadas as folgas de escala



estipuladas previamente. Após da coleta dos dados, foi feita a análise do instrumento, enfatizando os aspectos relevantes à pesquisa.

## 5.2 Participantes

Foram participantes da pesquisa 10 policiais de uma das unidades do Comando de Missões Especiais da PMPA, que tiveram como normas de inclusão: desenvolver suas atividades na área operacional<sup>10</sup>, ser do sexo masculino, ter no mínimo nível médio de escolaridade, ter no mínimo cinco anos de serviço na OPM e ter o conceito no mínimo BOM<sup>11</sup> em sua ficha disciplinar, sendo considerados, portanto, policiais de conduta exemplar. Foram critérios de exclusão, além do contraditório exposto acima: ter sido punido<sup>12</sup> por uso indevido de bebida alcoólica ou drogas e ter respondido a processo administrativo e/ou inquérito policial militar onde foi considerado culpado.

A nossa pesquisa contou com a participação de 20% do efetivo operacional da unidade, formado por oficiais, sargentos e cabos, na faixa etária entre 30 e 42 anos, com a média de tempo de serviço na OPM de 12 anos, sendo 20% de nível superior e 80% de nível médio, porém, todos com cursos de especialização e capacitação na área operacional.

---

<sup>10</sup> Área operacional corresponde à atividade fim da corporação, de policiamento ostensivo, preventivo e repressivo, excluindo os serviços administrativos.

<sup>11</sup> Todas as praças são submetidas a uma escala de conceito que vai do insuficiente até o excepcional, que é atualizada proporcionalmente ao tempo de serviço e às punições que porventura possa receber por alguma transgressão disciplinar.

<sup>12</sup> É punido todo o policial que, após averiguação de ato é considerado transgressor da disciplina constante do RDPM (Regulamento da Disciplina Policial Militar). As punições são proporcionais às transgressões, sendo a mais branda a advertência e a mais rigorosa a prisão.

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apesar de o instrumento ser aplicado integralmente, o interesse da pesquisa consistiu em abstrair elementos relacionados às respostas de impulsividade, e outros aspectos relacionados a essa temática. Foram avaliados aspectos quantitativos com a análise das respostas em fórmulas e percentuais esperados, bem como considerados os aspectos qualitativos do protocolo.

A média quantitativa utilizada como base de referência, foi a sugerida por Vaz (1986), conforme quadro em anexo, embora em alguns momentos, conforme descritos na análise, utilizamos as referências sugeridas por outros autores como o próprio Rorschach (1978) e Anzieu (1978).

Como o recorte a que se propõe a pesquisa diz respeito à impulsividade porventura encontrada na prova de Rorschach, foram utilizadas as fórmulas pertinentes a sua investigação, bem como o levantamento de dados qualitativos no que se refere à simbologia e aos fenômenos especiais no caso de ocorrências nos protocolos.

Uma das fórmulas utilizadas foi a de levantamento do índice de impulsividade proposta por Aníbal Silveira que em 1935, percebendo a população brasileira, adaptou o método à língua portuguesa e criou novos índices de acordo com as peculiaridades nacionais, a constar no livro de Pereira (1987), porém, vale ressaltar que mesmo que o índice alcançado na fórmula seja o ideal proposto por Silveira – de 0,39 – é necessário que essa análise seja complementada com os aspectos qualitativos e quantitativos dos determinantes, ou seja, a impulsividade não é ou deixa de ser determinada apenas por um índice alcançado, mas sim pelo conjunto de informações a respeito da resposta.

Se o determinante das pranchas for prevalecido por C ou CF em detrimento do F, mesmo que o índice seja adequado existe a indicação de impulsividade. Surge então a necessidade de considerar outras fórmulas relacionadas aos determinantes e conteúdos para a melhor adequação de respostas.

A fórmula proposta por Silveira:  $R (II + III) \div R (VIII + IX + X)$ , diz respeito à equação entre as pranchas de Cor. As pranchas II e III com a presença exclusiva do preto e da cor vermelha, e as pranchas VIII, IX e X, que são multicoloridas, porém não contém o vermelho, que é a cor que remete a questões emocionais mais primitivas, portanto relacionada aos aspectos da impulsividade.

Outras fórmulas foram utilizadas para a sua confirmação ou não, facilitando a classificação quantitativa.

As respostas de conteúdo ‘sangue’ são analisadas por serem referentes à cor vermelha. Caso as respostas de sangue estejam presentes no protocolo, a fórmula a ser utilizada é  $(Hd + Anat + Sex + Sgue) \times 100 \div R$  e o percentual esperado é de até 12%. Em nossa pesquisa os sujeitos não apresentaram respostas de sangue.

Foram avaliados os determinantes F% em  $F \times 100 \div R$  e F+% em  $F+ \times 100 \div F$ , e a proporção das respostas em  $FC > C + CF$  e  $FE > EF + E$ .

Também foi utilizada a fórmula referente às respostas de cinestésias:  $K > (Kan + Kob + Kp)$  e a proporção entre as respostas G e K.

Como complemento imprescindível à análise dos protocolos foi considerado o aspecto da qualidade formal das respostas, bem como a simbologia das respostas em relação à impulsividade e os fenômenos especiais.

O fenômeno especial denominado pelo choque a cor e especificamente ao vermelho, é avaliado de forma diferenciada pelo significado da cor vermelha, e é de significativa importância ao aspecto investigado. Segundo Silva (1987) “Os estímulos coloridos diferem, em sua forma de afetar o indivíduo. O impacto da II é mais intenso, pois apresenta o vermelho vivo em contraste com o preto, como a III.” Complementa:

É considerado um choque ao vermelho, ou à cor, quando ocorrem alterações na produção, como o prolongamento do tempo de latência, rotações, piora na qualidade formal, estupor, redução ou aumento da produtividade. Os choques evidenciam a perturbação, ou seja, a invasão de estímulos no ego. Revelam a excitabilidade do indivíduo. Mostram a dificuldade de se adaptar a mudanças ambientais sentidas como perigosas, devido à fragilidade do ego em absorvê-las. Quando as dificuldades são diante das pranchas II e III, refletem medo das emoções mais passionais. Nas pranchas VIII, IX e X, o conflito situa-se na dificuldade de integrar a intensidade das emoções nas situações gerais da vida. (SILVA, 1987, p.55).

As pranchas II e III são mais compactas e facilitam mais as respostas do que as pranchas VIII, IX e X que são mais dispersas e multicoloridas. A tendência é uma qualidade de respostas melhor nas primeiras, porém, se apresentar C ou CF predominante a FC, caracteriza mais a impulsividade independente do resultado da fórmula proposta por Silveira. Por isso a necessidade de uma avaliação conjunta dos aspectos quantitativos e qualitativos para se alcançar um resultado final fidedigno.

A forma como o sujeito se comporta diante das pranchas também nos fornecem dados interessantes de como o sujeito se comporta diante da vida.

Após a coleta dos dados através da aplicação da prova de Rorschach e da pesquisa nas fichas disciplinares, chegamos finalmente aos resultados agora expostos.

Na análise dos testes aplicados, foi feito o levantamento do tempo de reação – Tr; tempo de reação das Pranchas Cromáticas x Pranchas Acromáticas; número de respostas – R; respostas de Forma – F; respostas de Forma positiva, ou bem vista – F+; respostas Globais – G; respostas em detalhe grande, detalhe pequeno e detalhe em espaço branco – D, Dd e Dbl; respostas de conteúdo humano – H + Hd; de conteúdo animal – A; respostas de movimento humano, animal e movimentos menores – K, kan, kob e kp; respostas vulgares ou banais – V ou B; levantamento do Interesse de Conteúdo; além das proporções de H/Hd; K/kan+kob+kp; de FC/C+CF e de FE/E + EF; proporção de (Hd + Anat + Sex + Sgue), e da fórmula  $R (II+III) \div R (VIII+IX+X)$ .

Seguimos o procedimento da ordem natural do instrumento, e consideramos ao princípio a análise do tempo de reação apresentado pelo grupo pesquisado. A importância da análise do tempo de reação – Tr, dá-se pela oportunidade de verificar as condições que o examinando tem para se adaptar a situações novas, bem como verificar se ele lida com elas de forma adequada.

Utilizamos em nosso estudo o Tr indicado por Vaz (1986), que considerou a sua média entre 10 e 20 segundos. Nos resultados encontrados, 30% do grupo apresentou Tr abaixo de 10s, 20% encontra-se na média e 50% apresentou Tr acima de 20s, o que, segundo Schwarz (2002), pode indicar depressão situacional elevada ou capacidade intelectual pobre. Rorschach (1978) considerava o Tr entre 20 e 30s, o que altera o resultado de nossa pesquisa, perfazendo um total de 60% dos sujeitos avaliados que se encontram com o tempo de reação menor ou igual ao da média, que indica que dentre os 60%, parte do grupo apresenta uma maior facilidade de adaptação a novas tarefas, e a outra parte pode estar apresentando indício de ansiedade situacional.

Consideremos neste momento, que o grupo avaliado caracteriza-se por desenvolver atividades que são treinadas ao nível da exaustão, ou seja, tudo o que eles executam, o fazem com segurança por já estarem familiarizados e treinados, e que uma tarefa desconhecida pode desencadear a ansiedade.

Como complemento da análise do tempo de reação, Schwarz (2002) faz uma comparação entre a média do Tr nas pranchas Cromáticas e nas Acromáticas. O grupo avaliado apresentou em 60% equilíbrio nos Trs, o que indica que estímulos emocionais (internos) e estímulos do meio mobilizam em semelhante proporção nas respostas, ou seja, a reação às pranchas Acromáticas ou de Cromáticas ocorreram de forma equilibrada.

O próximo ponto analisado foi o número de respostas apresentadas nos protocolos. A média esperada segundo Vaz (1986) é de 15 a 30, porém, apenas 20% da amostra enquadraram-se nesse resultado. Outros 20% tiveram um número de respostas abaixo de 15, e 60% emitiram mais de 30 respostas no protocolo, o que pode indicar “intensa produtividade, podendo revelar necessidade compulsiva de quantidade [...]” (SCHWARZ, 2002, p.58).

Anzieu (1978) considerava que a população em geral situa-se entre 20 e 30 respostas, porém, quando os sujeitos são de instrução de nível superior chegam a dar de 40 a 50 respostas.

Rorschach considerava o número médio de respostas de 15 a 30, porém fazia a ressalva de que “a maioria das pessoas normais dão, em geral, de 15 a 30 respostas; raramente menos de 15, frequentemente mais de 30. O número de respostas depende mais dos momentos afetivos que de momentos associativos.” (RORSCHACH, 1978, p.21)

No grupo pesquisado, 80% possui nível médio de escolaridade e 20% nível superior, apesar de todos possuírem o curso de capacitação em missões especiais, seja o Curso de Operações Especiais, Curso de Ações Táticas Especiais, Força Tática, dentre outros, com cargas horárias que variam de 400 a 1000h/aula.

No grupo pesquisado, 20% apresentou menos de 15 respostas, 20% de 15 a 30 e 60% apresentou mais de 30 respostas. Para Anzieu, o número elevado de respostas pode significar o que Rorschach (1978) chamou de ‘complexo de inteligência’, que seria o desejo do examinando de se valorizar e de demonstrar intensamente seus recursos intelectuais através de um excesso de respostas, mostrando-se cooperador parecendo inteligente aos olhos do examinador. Portanto, o grupo pesquisado, que faz parte de uma elite operacional, traz consigo o desejo de demonstrar inteligência e capacidade.

Até o momento, é compreensível que o grupo tenha receio de que sua excelência operacional seja maculada ou questionada por resultados de uma avaliação que eles sequer imaginam o que possa revelar a seu respeito.

Seguindo agora para a análise do significado das respostas, o Teste de Rorschach nos fornece três principais aspectos a serem avaliados, quais sejam: a localização, o determinante e o conteúdo.

No que se refere ao primeiro item a ser avaliado, a localização, segundo Schwarz (2002), “as localizações estão associadas à maneira como o indivíduo aborda intelectualmente a realidade: se tende a generalizar, a ser minucioso, se leva em conta os aspectos práticos da realidade, se seu pensamento é dedutivo ou indutivo” (p.62).

Quanto à localização, as respostas podem estar localizadas na totalidade da mancha, ou seja, na globalidade; podem estar localizadas em partes que chamamos de detalhes comuns; em detalhes incomuns ou localizadas em espaços em branco.

Em um protocolo, quanto à localização das respostas, espera-se que o examinando apresente de 20 a 30% de respostas Globais – G; 40% a 55% de respostas em Detalhe comum – D; 10% a 15% em Detalhe incomum – Dd, e até 3 respostas em Detalhe que utiliza a parte branca da prancha – Dbl, levando-se em consideração um protocolo de 15 a 30 respostas, o que nos fornece uma média de 1 Dbl a cada 10 respostas.

As respostas Globais refletem a capacidade do sujeito em organizar dados, relacionar detalhes e ter interesse pelo abstrato e teórico, ou seja, refere-se à inteligência teórica.

O grupo pesquisado apresentou em 60% de seus examinandos, um número de respostas G abaixo da média, ou seja, inferiores a 20%, o que, segundo Vaz (1986) pode significar falta de visão de conjunto da realidade, e para Schwarz (2002), “é indicativo de falta de interesse na busca de relações entre os dados separados da experiência”. (p.63)

Considerando o que foi exposto anteriormente sobre o significado das respostas Globais, podemos inferir que, o grupo em questão é um grupo destinado a atividades práticas e treináveis, em que prevalecem a estratégia e tática operacional, e os recursos de inteligência utilizados são mais práticos, e não teóricos, como indicam as respostas Globais, consideramos então o grupo adequado ao perfil de execução.

Seguindo na mesma linha de pensamento em relação às habilidades necessárias ao grupo em questão, chegamos à investigação da localização das respostas em Detalhe comum – D, que segundo Rorschach (1978), revelam a atenção ao concreto, ao que é objetivo. Portanto, podemos considerar um interesse ao que é óbvio, que reflete uma inteligência prática.

O número de respostas D esperadas em um protocolo é de 40% a 55% das respostas totais. O grupo pesquisado, em 50% de seus sujeitos, apresentou o escore esperado; 30% ficaram acima da média e 20% abaixo da média, o que reflete um grupo com atenção destinada ao concreto e de inteligência prática, o que, na execução de suas atividades operacionais torna-se fundamental.

O número de respostas em Detalhe incomum – Dd esperadas em um protocolo é de 10% a 15% das respostas, e elas podem “indicar interesse por aspectos incomuns da realidade, responsividade rica ao meio e capacidade de observação e de perseveração.” (SCHWARZ, 2002, p.68). No grupo pesquisado, 50% dos sujeitos apresentou um percentil acima da média, 20% na média e 30% não apresentaram respostas Dd.

Considerando que a maioria do grupo apresentou excesso de Dd, segundo Schwarz (2002), esse dado, “de modo geral, revela tendências perfeccionistas e meticulosidade” (p.68), o que pode ser explicado pelas tarefas executadas pelo grupo, como já referido anteriormente, sob treinamento intenso e exaustivo para chegarem à perfeição de seus atos, por considerar que em sua missão é imperioso o acerto e não lhes é permitido falhar, o que é característico de um grupo de ações táticas.

Quanto à localização de respostas em Espaço em Branco – Dbl, o esperado é que o sujeito apresente até 3 respostas em um protocolo de 15 a 30 respostas. Como a média de respostas do grupo pesquisado foi de 33 respostas, vamos considerar o índice de 1 Dbl a cada 10 respostas.

Para Schwarz (2002), as respostas em Dbl “revelam o aspecto competitivo ou auto-assertivo da intelectualidade, indicando também força egóica ou um modo aceitável de auto-afirmação” (p.70). Esses dados descritos segundo Schwarz são levados em conta caso as outras localizações forem equilibradas e a sucessão das respostas aconteça de forma flexível, ou seja, que os sujeitos ao darem suas respostas, sigam a seqüência normal de visualizar suas respostas em G, D, Dd e Dbl ou Dbl, Dd, D e G em pelo menos de 7 a 9 das 10 pranchas, o que significa que o sujeito tende a ser organizado e que usa o bom senso em suas decisões, e 80% do grupo pesquisado apresentou esse tipo de seqüência.

Em relação ao Dbl, 30% do grupo não apresentou esse tipo de resposta, 20% apresentou um número acima da média, e 50% apresentou o número esperado, o que nos leva a descrevê-los como um grupo que, segundo Vaz (1986), indica recursos para lidar com situações ansiogênicas, garantindo o controle e a contensão.

Com a descrição dos quatro tipos de localização, seguiremos agora na análise dos determinantes das respostas.

Determinantes, segundo Rorschach (1978) dizem respeito ao modo de percepção, sobre quais os processos estão envolvidos na atitude de perceber a mancha e emitir uma resposta, o que leva o sujeito a perceber determinada resposta.

Segundo Schwarz (2002), os determinantes se relacionam com os diferentes aspectos da personalidade e da experiência do sujeito que determinou o conceito emitido.

Os sujeitos podem então perceber a mancha e emitir um conceito tanto pela Forma da mancha, quanto pela Cor que ela apresenta ou pelo Movimento que ela lhe sugere.

Quando as respostas são determinadas pela Forma – F, ou seja, pelo contorno, significa que o sujeito tem a capacidade de manter-se objetivo e realista frente às situações, não se envolvendo emocionalmente com elas. “Através do determinante F, podemos avaliar o

grau de controle racional que o indivíduo possui sobre sua vida instintiva, suas emoções e impulsos”. (SCHWARZ, 2002, p.81)

A média esperada de respostas determinadas pela Forma – F, é de 50%, e o grupo pesquisado apresentou um percentil de F acima do esperado, com 100% dos sujeitos apresentando um índice que variou entre 70% e 100%.

Cabe nesse momento ressaltar que 80% do grupo apresentou o percentil de F+% igual ou maior que 80%, o que é esperado, e significa que sujeitos que apresentam  $F+% \geq 80$ , têm capacidade de atenção, de rotular com precisão, de juízo crítico, de acuidade na percepção nos processos associativos e interesse pelo real.

Diante do exposto acima, tentamos subsidiar essas respostas no significado da presença de F% elevado, transcrevendo uma hipótese interpretativa:

F%↑(em um protocolo sem muito movimento, sombreado ou cor) indica repressão, rigidez e constrição. Geralmente pessoas rígidas, secas, pouco flexíveis, extremamente vigilantes e atentas ao seu próprio comportamento apresentam um excesso de F%. Caso haja um número adequado de determinantes de movimento, sombreado ou cor, podemos supor uma personalidade rica que tem condições de basear-se em fatos reais quando necessário. (SCHWARZ, 2002, p.81)

Considerando a missão operacional do grupo avaliado, de atuar em crises com tomadas de reféns, atendimento a ameaças de bombas e ocorrências com artefatos explosivos, bem como operações de alto risco em que o emprego da força letal é determinante e o risco de morte de integrantes da tropa e de terceiros é eminente, podemos admitir um autocontrole elevado desses sujeitos mediante a responsabilidade que lhes cabe, esperando então que sejam racionais, que não se deixem levar pelas emoções, que sejam rígidos e extremamente vigilantes.

Outra determinante na percepção das manchas do teste é a Cor – C, ou seja, quando o sujeito, na construção de sua resposta, utiliza as cores das pranchas, mostrando-se sensível ao estímulo das cores e reagindo a eles.

As respostas de Cor podem ser enquadradas de três modos: FC, CF e C.

As respostas FC são determinadas quando o sujeito emite sua resposta baseada na Forma e na Cor do que ele visualizou, ou seja, o que ele viu tem forma definida e cor correspondente no estado natural do que foi visto.

As respostas CF apresentam forma vaga ou indefinida, que encontram na Cor o determinante de sua resposta, ou seja, o sujeito é levado a dar uma resposta com base na semelhança que a cor da mancha tem do objeto, e a forma, que é vaga, aproxima-se pela cor.



As respostas C, chamadas também de Cor pura, são aquelas em que a forma não existe e o sujeito emite suas respostas baseado apenas na cor.

Na análise do teste, no que se refere à Cor, é feita a integração forma-cor, que revela como o sujeito reage frente ao impacto emocional do meio. A cor nos remete aos aspectos emocionais e afetivos do sujeito, e a integração forma-cor é quem determina as reações emocionais de cada um.

Percebemos então, no que se refere às respostas de Cor, o ideal é que elas sejam apresentadas como FC, que implicam em uma responsividade emocional controlada, ou seja, o sujeito é capaz de manifestar sentimentos apropriados às demandas emocionais da situação, caso apresente F+% adequado.

A proporção esperada dessas respostas em um protocolo, é que as respostas FC estejam em maior quantidade do que a soma das respostas CF e C, com CF diferente de zero e  $C = 0$ , o que indica que há “capacidade de manifestação apropriada de sentimentos, afetos e emoções frente a situações que envolvem relacionamento interpessoal. É um indicador de maturidade”. (SCHWARZ, 2002, p.92)

Segundo Anzieu (1978), o significado das respostas de cor, bem como a relação que a cor apresenta com as emoções e afetividade, vem sendo confirmada ao longo dos anos por outras técnicas projetivas, devido ao poder de estimulação emocional das cores.

A resposta FC expressa uma afetividade socialmente adaptada, ou seja, a maturidade emocional, a capacidade de estabelecer contato afetivo e de se colocar no lugar do outro. [...] O CF representa uma afetividade egocêntrica, o narcisismo afetivo, instabilidade emocional, humor caprichoso, busca de um objeto para estabelecer uma ligação; mas também um contato caloroso e simpático, espontaneidade jovem. C puro denota impulsividade, ausência de controle sobre as emoções, que não foram educadas nem socializadas; [...] Uma pessoa normal produz vários FC, alguns CF e, estritamente falando, nenhum C (ou no máximo 1).  $FC > CF + C$  é um índice de estabilidade emocional.

O grupo pesquisado apresentou respostas FC em 70% de seus sujeitos e respostas CF em 30%. Nenhum sujeito apresentou resposta de Cor pura.

Na proporção esperada, de  $FC > CF + C$  com  $C = 0$ , 10% do grupo enquadraram-se; 20% dos sujeitos apresentou  $FC = CF + C$  com  $C = 0$ , ou seja, o número de  $FC = CF$ , e 40% apresentou  $FC > (CF + C) = 0$ , que indica controle excessivo e presença de respostas emocionais superficiais ou formais. Portanto, em 100% dos sujeitos que apresentaram respostas FC, 70% apresentaram uma supremacia das respostas FC.

Assim, podemos afirmar que o grupo pesquisado pode ser considerado estável emocionalmente, embora apresente diferentes formas de relacionarem-se com os outros.

Alguns mais rígidos e formais, outros mais acessíveis e espontâneos, bem como outros mais narcísicos e egocêntricos e, como foco de nossos estudos, nenhum impulsivo.

Outro dado analisado foi a presença do determinante Esfumaçado, que é definido como E, e que segundo Beck (apud Anzieu, 1978) se distingue em três modalidades: as respostas de cinza claro, as respostas de perspectiva e as de textura. Ainda segundo Anzieu (1978), Rorschach assinalava que as respostas de esfumaçado eram sinal de afetividade tímida, de uma busca ansiosa de adaptação, mais do que uma adaptação bem sucedida e, do mesmo modo que o determinante Cor, é analisado em conjunto com o aspecto formal.

De acordo com Vaz (1978), as respostas de FE devem constar em número maior do que a das respostas de E + EF, com E = zero, e o grupo pesquisado apresentou em 70% dos sujeitos a média esperada, e os outros 30% não apresentou esse tipo de resposta, o que nos leva a entender que esse grupo, em sua maioria, possui condições para manejar adequadamente suas necessidades afetivas, deslocando-as para atividades e contatos sociais, não apresentando indícios de ansiedade nos contatos afetivos.

Na continuidade da análise, seguiremos à interpretação dos dados de cinestesia, nominados de movimento humano e movimento animal.

O movimento é considerado alvo relevante no levantamento de dados sobre o controle das emoções no que se refere ao nível de força do funcionamento do ego relacionado aos recursos internos para lidar com os próprios impulsos.

A percepção de movimento, ou seja, a habilidade interna de projetar movimentos em uma mancha que não contém indícios de movimento, sugere que o sujeito apresenta um processo interno diferenciado que está relacionado a três hipóteses básicas:

[...] a existência de um processo imaginativo que possibilita a percepção do movimento sobre uma mancha estática; a capacidade de empatia com outros seres humanos que possibilita a visualização de pessoas em movimento e a percepção de natureza altamente diferenciada implícita nesse tipo de resposta. Constatamos então que a condição básica para uma resposta de movimento é um nível da força do funcionamento do ego relativamente alto, o que pressupõe auto-aceitação, auto-conceito, recursos internos para lidar com os próprios impulsos, recursos imaginativos e fantasiosos, capacidade intelectual em bom nível, criatividade, sistema de valores suficientemente desenvolvido para favorecer o adiamento das gratificações em função de metas a longo prazo, recursos internos para lidar com situações de estresse e garantir a estabilidade interna e capacidade de empatia. Tais recursos revelam que houve internalização das experiências de relação com os objetos. (SCHWARZ, 2002, p. 85, grifo nosso)

Em análise, a média de respostas K, movimento humano, é de 3 a 4, e também é necessária a investigação sobre o tipo de movimento se ativo ou passivo e ainda se de extensão ou flexão.

O grupo pesquisado apresentou um número compatível de K em 50% dos sujeitos, outros 30% apresentou uma única resposta de K e 20% do grupo não apresentou K. Seguimos então para a análise do tipo de movimento, que revelou que 63% das respostas K foram de extensão e 37% de flexão, 83% de movimentos ativos e 17% passivos.

Em análise geral de todos os componentes de movimento humano, pela maioria, encontramos um grupo que apresenta movimentos de flexão e ativos em um número esperado de respostas, o que significa que é um grupo com características de combatividade e atividade, com recursos internos para lidarem com os próprios impulsos e com situações de estresse, garantindo a estabilidade interna.

Quando as respostas K são analisadas, utilizamos a sua correlação com as respostas G, que nos fornecem dados sobre os níveis de aspiração e ambição em relação ao potencial de realização.

Sob esse aspecto, 50% do grupo enquadrou-se na proporção esperada, e 50% apresentou um número de G proporcionalmente maior que K. Com essas respostas, concluímos que metade do grupo apresenta equilíbrio entre a aspiração e a capacidade produtiva, e a outra metade, apresenta um nível de aspiração demasiadamente alto, que pode estar sendo canalizado de forma fantasiosa, talvez justificada por questões narcísicas ou de autoconfiança e autoconceito elevados.

Em análise ao determinante movimento animal – Kan, que indica a consciência de impulsos que exigem gratificação imediata e que necessitam ser controlados – o grupo pesquisado apresentou um número de respostas maior do que a média esperada, porém a sua interpretação deve estar vinculada a presença e quantidade de respostas K.

O ideal é que o número de respostas K supere o número de respostas  $kan + kob + kp$  e que, como dados complementares à sua análise, as respostas CF estejam em número inferior a FC.

Considerando análises em dados anteriores como K e FC, o grupo avaliado demonstrou potencial de autocontrole, portanto, consideraremos agora os aspectos característicos da presença do movimento animal que, segundo Vaz (1986), correspondem à válvula de escape aos impulsos libidinais com precária tolerância à frustração.

Quando K é menor que Kan na proporção de 1:2 e no máximo de 4:8, é sinal de que o sujeito apresenta condições de controlar as pulsões sem perder a espontaneidade.

Diante dos dados levantados, constatou-se que 50% dos sujeitos avaliados apresentou as proporções adequadas de 1 K: 2 kan em até 8 respostas kan, 30% apresentou um número de kan superior ao esperado, 10% apresentou  $K = Kan$ , e 10% dos sujeitos apresentou  $Kan < K$ .

Assim, pela sua maioria, concluímos que o grupo apresenta condições de controlar os impulsos sem perder a espontaneidade, demonstrando amadurecimento em relação às experiências vividas no passado e ajustamento à realidade.

Ainda sobre os aspectos do movimento, ressaltamos a importância da investigação dos movimentos de objetos e forças da natureza que classificamos como kob.

Segundo Schwarz (2002), esse tipo de respostas encontradas em um protocolo, reflete “a consciência de forças fora do controle do indivíduo, que ameaçam a integridade da organização da personalidade, forças estas que vêm do mundo interno na forma de impulsos que ameaçam o sistema de valores e a estabilidade egóica” (p. 89) e refere ainda que a presença de kob “é indicativo de conflito entre impulsos de vida e metas a longo prazo e tensão proveniente do esforço que visa inibir esses impulsos.” (p. 89)

Consideramos então que as respostas kob não são necessariamente um problema, segundo a mesma autora, elas são um sinal de alarme, de advertência, e que a ausência de kob em pessoas em conflito é que podem sim, ser indicativo de perigo, e que a presença de 1 ou 2 respostas de movimentos menores, ou seja, a somatória de kob e kp, é um “sinal favorável, que revela a capacidade de adaptação”. (SCHWARZ, p.89)

No grupo avaliado, 80% dos sujeitos apresentou de 1 a 2 respostas Kob + Kp, 20% não apresentou respostas Kob, portanto, inferimos que seja um grupo que pode apresentar conflitos internos, mas que apresenta recursos para lidar com eles e contê-los.

Seguindo agora para a análise dos conteúdos, um dado relevante a ser levado em consideração, além da presença de conteúdo humano – H, e do conteúdo animal – A, em um protocolo, bem como a presença de respostas ditas vulgares ou banais, é o interesse pelas diferentes áreas de conteúdo.

Quando o sujeito apresenta mais de oito áreas de conteúdo diferenciadas, pode estar associado a um bom nível intelectual, e o grupo pesquisado, em 70% superou essa marca.

Quanto ao conteúdo específico, primeiramente nos referindo ao conteúdo humano, é esperado que o sujeito apresente de 15% a 25% de respostas de conteúdo humano (H + Hd), e 70% do grupo correspondeu a esse enquadramento, 20% localizou-se abaixo da média e 10% apresentou mais respostas de conteúdo humano do que o esperado. Ainda no que se refere a esse conteúdo, o ideal é que as respostas H estejam em número maior que as respostas Hd, (H) ou (Hd), e o grupo avaliado apresentou esse índice em 80% dos sujeitos pesquisados, o que indica que o grupo apresenta indícios de interesse em si mesmo e no contato com outros seres humanos.

Ainda em relação ao conteúdo humano, além do exposto acima, o ideal é que a relação de respostas H para Hd esteja na proporção de 2:1, o que foi correspondido por 70% do grupo, demonstrando assim um adequado nível relacional com os outros, não sendo evidenciada ansiedade relacional ao contato e adequado nível de senso crítico.

Em relação à presença de respostas com conteúdo animal, segundo Vaz (1986), é esperado que o sujeito apresente uma média de 30% a 40% do total de respostas do protocolo assim classificadas, porém, segundo o próprio Rorschach (1978), a média encontra-se entre 35% e 50%, e Anzieu (1978) refere-se a 45% mas que esse valor é variável podendo ir de 30% a 60%.

Seguindo os critérios de Anzieu, que abraçou os intervalos propostos por Vaz e por Rorschach, o grupo pesquisado enquadrou-se em 90% nos critérios esperados, e 10% acima dessa média.

Durante a análise dos dados da pesquisa, o conteúdo animal foi o que gerou um maior conflito de avaliação. O ponto concordante entre os autores estudados e citados é que a presença de conteúdo animal diz respeito sobre a estereotipia do indivíduo, e que essa estereotipia diminui à medida que esse indivíduo amadurece, porém, a média considerada por eles, no grupo pesquisado, classificava os sujeitos em diversas opções de enquadre percentílico, portanto, com diferentes interpretações, portanto, não consideramos os resultados encontrados conclusivos.

Em contrapartida, um dado concordante entre todos os autores pesquisados, é o que se refere às respostas vulgares ou banais, que, estando presentes em número de pelo menos cinco em um protocolo de 15 a 30 respostas, revela que o indivíduo apresenta condições de se adaptar ao meio a partir de sua capacidade de participar do pensamento do restante do grupo e pela existência de recursos adaptativos e capacidade de ajustamento, provenientes de suas funções cognitivas. O grupo pesquisado correspondeu em 100% a esse índice.

Retomando a análise dos conteúdos, considerando o objeto maior de nossa pesquisa, a impulsividade, trouxemos como uma das cotações a serem investigadas, a somatória de Hd + Anat + Sex + Sgue, proposta por Anzieu, em que sua soma não deve ultrapassar 12% das respostas, que seria indicativo de angústia. Esse dado nos interessou por trazer em seu escopo o conteúdo sangue, que configura falta de controle emocional, em especial sobre a agressividade, e que “uma resposta com tal conteúdo vem sempre acompanhada de uma perturbação emocional violenta”. (ANZIEU, 1978, p. 93)

Contudo, o grupo pesquisado não apresentou respostas com conteúdo sangue, apenas 10% do grupo trouxe conteúdo sexo, 60% apresentou respostas de conteúdo anatomia, e 80%

conteúdo Hd, portanto, a leitura da proporção tornou-se prejudicada pela falta de dois componentes da fórmula (Sgue e Sex) na maioria dos sujeitos. Em conclusão, o uso da fórmula não se aplica.

Por fim, fizemos o levantamento e análise da fórmula proposta por Silveira (apud Pellini, 2000) que obteve como média do índice de impulsividade – Imp, o valor de 0,29 a 0,39, como resultado da soma das respostas das pranchas II e III dividido pela soma das respostas das pranchas VIII, IX e X, visto:  $Imp = R (II+III) \div R (VIII+ IX+X)$ .

Silveira (1985), tendo como base as pranchas cromáticas, justifica sua fórmula ao citar que “o estímulo das manchas vermelhas provoca frequentemente reações em indivíduos impulsivos, seja no sentido de utilizar os fatores C e CF, seja aumentando a produção de associações, seja ainda como fenômeno de choque afetivo” (p. 219). Assim posto, Silveira utiliza a carga afetiva das cores para designar a relação entre o vermelho puro encontrado nas pranchas II e III, e as outras cores encontradas nas pranchas VIII, IX e X.

Embora a fórmula especifique os índices de impulsividade do sujeito, é imprescindível a verificação de outros fatores da prova que se referem aos recursos do sujeito para o controle do comportamento impulsivo, ou seja, a fórmula, por si só, não determina se um sujeito é ou não impulsivo, ela fornece indícios sobre o tipo de impulso apresentado: se mais primitivos – relacionados às pranchas II e III, ou se mais socialmente aceitáveis – relacionados às pranchas VIII, IX e X.

O grupo pesquisado, em 80% apresentou índice Imp acima de 0,39 e 20% na média, o que nos reportou aos outros indicadores de impulsividade, como a presença de conteúdo C puro, por exemplo, ou da ausência de F+, ou ainda a existência da proporção  $FC < CF + C$ , com  $C > 0$ .

Com base nas análises anteriores, concluímos que o grupo não apresentou respostas C puro, não evidenciando labilidade afetiva, apresentou um número de respostas F% acima da média e F+% em termos adequados, configurando controle elevado, e apresentou ainda a proporção  $FC > CF + C$ , com  $C = 0$  na maioria dos sujeitos que apresentou esse tipo de resposta. Nesse momento, recordamos a citação da p.51 deste estudo, de um trecho da obra de Rorschach, em que ele refere que o excesso de F+% pode ser proveniente da ação de um máximo autocontrole consciente ou da produção de uma automatização de um aprendizado longo e consciente.

Portanto, apesar de 80% do grupo ter apresentado índice Imp acima do esperado, não podemos considerá-los impulsivos, pois apresentam recursos para o controle desse comportamento em condições favoráveis.

Na análise procedida até o momento, consideramos os aspectos quantitativos que foram relacionados também à qualidade formal das respostas, conseguindo assim, esclarecer parte do processo de análise e investigação da prova de Rorschach.

Porém, esse instrumento traz em seu conjunto de análise, os aspectos qualitativos relacionados à simbologia das respostas e aos fenômenos especiais contidos na atitude dos sujeitos frente às pranchas bem como ao tipo de resposta emitida.

Quanto à simbologia, nenhum sujeito apresentou respostas de conteúdo simbólico impulsivo e nem de aspectos relacionados à agressividade, que seriam de interesse ao estudo proposto, portanto, os outros conteúdos simbólicos expressos nos protocolos foram desconsiderados.

Quanto aos fenômenos especiais, mesmo considerando a interpretação proposta por Cimblaris e Leite (2000), localizamos na obra de Passalacqua e Gravenhorst (2005), cinco fenômenos descritos a seguir, com a devida análise interpretativa:

- 1- Giro instantâneo (20% dos sujeitos) – está associado ao oposicionismo, à desconfiança ou ao medo de errar.
- 2- Choque à cor superado (10% dos sujeitos) – está relacionado à superação de uma conduta mórbida menos pronunciada que o fracasso, que é motivada pelo estímulo afetivo das cores, permitindo que o sujeito, mesmo após o choque, emita respostas positivas e até mesmo originais.
- 3- Choque cinestésico (30% dos sujeitos) – está relacionado à ausência da percepção do movimento na resposta vulgar da prancha III. Expressa bloqueio, blindagem, imobilidade e rigidez defensiva.
- 4- Choque inicial ou de adaptação (10% dos sujeitos) – refere-se à atitude diante da primeira prancha, e está relacionada à presença de 11 indicadores que são corriqueiros à primeira prancha. A maioria dos indicadores costuma aparecer em todos os protocolos, porém, para que seja considerado choque, pelo menos três devem estar presentes. Este fenômeno está associado à angústia diante de situações novas e deve ser observada a capacidade de superação do choque conforme a evolução das respostas. O sujeito que apresentou o fenômeno citado superou o choque e deu continuidade ao teste sem outros comprometimentos.

- 5- Perseveração (20% dos sujeitos) – nos casos em questão, considerada com menor peso por se tratar de protocolos com muitas respostas, de boa qualidade afetiva e com conteúdos habituais de diversos tipos. Em protocolos opostos sugeririam deteriorização orgânica ou psicótica, o que não foi o caso.

Como é possível perceber, os fenômenos especiais encontrados na análise dos protocolos não interferem na análise da impulsividade e não fornecem indícios favoráveis a sua presença, ao contrário, alguns deles os remetem a atitude defensiva e de contensão.

Portanto, nos aspectos qualitativos da análise que se referem à simbologia e aos fenômenos especiais, consideramos que no estudo em questão, não evidenciaram indícios ou referências à incidência de impulsividade.

Como dado complementar de análise, verificamos que o tipo de vivência apresentado pela maioria do grupo foi o tipo introversivo que, segundo Anzieu (1978), esse tipo é comum aos sujeitos em que as cinestésias prevalecem, e a ressonância afetiva faz o contorno no plano mais profundo da personalidade, ou seja, os sujeitos introversivos tendem a pensar mais do que agir.

Considerando o perfil operacional exigido pela função desses policiais, esse tipo de vivência afasta a possibilidade de impulsividade e confirma os indícios de racionalização, pois são treinados a agir somente mediante segurança de êxito, buscam em si uma postura a ser tomada com exatidão, não buscam respostas no meio, simplesmente o observam, introjetam possibilidades, e tomam suas decisões com precisão e segurança.

O preparo operacional e as missões a serem cumpridas por esse grupo são de alta complexidade e grande risco. É esperado que sejam resignados no sentido da obediência em relação aos ensinamentos táticos aprendidos. É esperado que sejam compenetrados e voltados para si para que possam utilizar todos os recursos e mecanismos de controle possíveis dos quais dispõem, pois são submetidos ao estresse e momentos de tensão com muita frequência, e não podem perder o controle da situação, pois são o último recurso da segurança pública para a resolução de grandes conflitos, são a última chance quando o sistema não encontra a solução.

Outro dado que decidimos acrescentar à análise final, nos fornece informações sobre a sintonia com a realidade, o autoconceito, a autoimagem e a estruturação do ego, que estão relacionados ao significado da prancha V, na qual é adequado que o examinando apresente respostas globais e banais. O grupo pesquisado correspondeu em 100% quanto às respostas globais e em 90% quanto às respostas banais.



Concluimos então, com esses dados, a investigação da impulsividade em policiais de Missões Especiais, com a constatação da eficácia do instrumento ao que se propôs o estudo e com a refutação da hipótese inicial do projeto em que esse grupo seria impulsivo no sentido da reação imediata diante dos estímulos.

Porém, após o estudo, constatamos que o imediatismo apresentado na operacionalidade funcional desses homens, não é sinônimo de impulso e sim de prontidão e grande habilidade responsiva com segurança e precisão, adquiridos com treinamento e adestramento, premissas fundamentais desse tipo de tropa.

## 7 CONCLUSÃO

Com a finalização da análise dos dados, chegamos à conclusão, em vista dos resultados encontrados, que o grupo pesquisado, apesar de desenvolver uma atividade especial em muito diferenciada das profissões ditas comuns, é formado por homens também comuns, ditos normais, que apresentam características coerentes com a profissão que desenvolvem e que talvez não o fizessem com tanto zelo se não fosse eleita por eles a melhor das profissões.

O compromisso com o êxito e a responsabilidade de ter em suas mãos a manutenção da ordem, a restauração da paz e a preservação da vida, o dever de agir em conformidade com a lei e o perigo que enfrentam no estrito cumprimento do dever legal – exigências operacionais – os transformam em homens combativos e racionais, por vezes inflexíveis, mas sensíveis à vida humana, o que eventualmente os remetem ao ideal de heróis e infalíveis.

Porém, o fardo do heroísmo é real, apesar do próprio heroísmo não sê-lo. Não se permitem chorar ou sofrer, não se permitem errar, nem tão pouco se permitem congratular pelo êxito, pois não fazem mais do que sua obrigação.

São homens treinados para a guerra urbana, adestrados para passarem frio, sono e fome, e mesmo sob intempéries e adversidades, devem corresponder ao que lhes foi ensinado e ao que lhes é cobrado, pela sociedade, pelo seu comandante e por eles mesmos. A perícia e a prudência são uma constante em suas atividades, assim como a vigilância e a prontidão. Não ponderam nem questionam, agem sob seu juízo de valor, pautados na soberania da qualificação por excelência.

Dizem-se humildes, mas não reconhecem em si o erro do humano, aliás, o erro só lhes é permitido em fase de capacitação, e mesmo assim, sob pena da rigidez maior do treinamento até que não errem mais. A frase célebre ‘o sofrimento é passageiro, desistir é para sempre’ estampada à entrada do quartel ao qual pertencem, os motiva a suportarem qualquer dor e desconforto que possam sentir durante o seu forjar.

A escolha de pertencimento, para essa tropa, perpassa os muros da superação, torna-os blindados, pois as emoções não interferem na execução de suas missões. Se choram, não vimos; se sofrem, não percebemos; se um companheiro tomba em combate, seguem na missão; se pelas suas mãos morre um infrator, não sofrem; se pelas suas mãos salva-se uma vida, realizam-se.

Com base no cumprimento do dever não há, do ponto de vista dos Direitos Humanos, qualquer queixa registrada contra essa tropa. Agem com retidão e com respeito ao próximo. Mesmo na necessidade de ceifar vidas em combate, na defesa de reféns ou da própria tropa

quando atacada, não se prevalecem do poder de fogo de forma covarde e imprudente. Cumprem os preceitos legais e são reconhecidos por isso.

Fazer parte dessa tropa, segundo o relato de seus integrantes – os sujeitos dessa pesquisa – é motivo de orgulho. As conquistas alcançadas são preservadas mediante esforço contínuo, como se tivessem acabado de chegar ao grupo e precisassem agir de forma vigiada e irretocável, correspondendo à postura de estágio probatório eterno.

Ao preço de resignação, racionalização, prontidão e vigilância constantes, aliados ao treinamento exaustivo e ininterrupto, forjam-se os homens de missões especiais. No encaço da retidão e da confiança mútua, essa tropa caminha e segue no cumprimento das missões; incentiva o crescimento pessoal e fortalece os vínculos operacionais; compartilha conhecimento e proporciona o crescimento de quem lá adentra ainda desprovido de técnicas especiais e experiências, assim, podemos dizer que a tropa de missões especiais treina o soldado, fortalece o homem e enaltece a corporação.

## 8 DISCUSSÃO

Algumas reflexões surgiram durante e após a análise dos resultados encontrados. Aspectos relevantes à pesquisa foram expostos e conclusivos, porém, ao considerarmos individualmente alguns dos fatores estudados, verificamos que algumas lacunas ainda permanecem.

No projeto de pesquisa trouxemos como hipótese, que o grupo estudado apresentaria indícios de impulsividade mediante resultados em avaliações anteriores com outros testes como o Palográfico e o Wartegg. Com a pesquisa, refutamos nossa hipótese inicial e constatamos que a impulsividade interpretada anteriormente apresentou-se como prontidão e imediatismo de atitudes, e que esse grupo respondeu com recursos de controle interno suficientes para que a impulsividade não se torne prejudicial ou mesmo interfira em suas funções operacionais. Entendemos então, que a impulsividade está presente no grupo, porém, não se apresenta de forma prejudicial e sim contida.

Outra consideração relevante foi o impedimento da utilização da fórmula (Hd + Anat + Sex + Sgue), reveladora de componentes importantes de impulsividade, que não pôde ser aplicada pelo fato de que os sujeitos não trouxeram respostas de sangue e apenas 10% apresentou resposta de sexo. A pesquisa então não contou com essa informação em sua análise.

No seguimento dos questionamentos inconclusivos, consideramos o elemento A – conteúdo animal, o de maior conflito em sua análise, apesar de que, em todos os autores estudados (ADRADOS, 1973; ANZIEU, 1978; RORSCHACH, 1978; SCHWARZ, 2002 e VAZ, 1986) o significado da presença das respostas desse conteúdo é a expressão da estereotipia do pensamento, porém, os valores expressos na quantidade de respostas A, para enquadre de interpretação, difere entre os autores, que apresentam escores percentílicos diferenciados quanto à média de respostas esperadas em um protocolo.

Portanto, embora a relação que a presença do conteúdo animal apresente com a impulsividade seja mais relevante quanto ao seu determinante, no caso o movimento animal, acreditamos que a leitura desse conteúdo seria diferente, apresentando resultados e interpretações não compatíveis entre os autores.

Outro aspecto a ser discutido e investigado em outro momento, é o enquadre das respostas à fórmula proposta por Silveira quanto ao índice de Impulsividade que, apesar de necessitar da confirmação de outros dados como a presença de respostas C puro, ou a

prevalência de respostas  $CF + C > FC$  para uma confirmação da presença de Impulsividade em níveis maiores do que o esperado, bem como  $F+$  abaixo da média, em 80% dos participantes da pesquisa os resultados encontrados não corresponderam ao índice máximo proposto de 0,39.

Discuti-se sobre a possibilidade de investigação de um escore específico para o tipo de atividade policial especial desenvolvida por esse grupo ou por outros de atividades semelhantes, pois, no caso em questão, mesmo que 80% do grupo não tenham correspondido ao resultado esperado na fórmula de impulsividade, em nenhum dos sujeitos os outros elementos relacionados às respostas de Cor e Forma confirmaram um nível elevado de impulsividade, o que leva conclusão de que mesmo com índice **Imp** elevado, o grupo apresentou recursos de controle satisfatórios e não apresenta indícios de impulsividade de forma descontrolada.

Concluindo, consideramos que o instrumento utilizado – a prova de Rorschach, foi adequado à análise proposta, e que fornece informações abrangentes sobre a dinâmica da personalidade, favorecendo o seu estudo de forma complexa.

Consideramos que os aspectos supracitados ainda necessitam de uma maior exploração em estudos futuros, viabilizando ou não a adequação de resultados a grupos-controlados diferenciados devido à atividade que desenvolvem.

Consideramos que a ciência vive de perguntas, portanto, não nos cabe esgotar o assunto, nem tão pouco considerá-lo esclarecido por completo. Nesse momento concluímos uma etapa, um primeiro passo, um estudo inédito sobre um grupo que em muito ainda pode contribuir para a elaboração de um perfil operacional diferenciado dos grupos até hoje pesquisados.

## 9 REFERÊNCIAS

ADRADOS, I. *Teoria e Prática no Teste de Rorschach*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1973.

AGUIAR, F. L. S. *Estresse Ocupacional: Contribuição das Pirâmides Coloridas de Pfister no Contexto Policial Militar*. Belém, 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

ALVES, I. C. B.; ESTEVES, C. *O Teste Palográfico na Avaliação da Personalidade*. São Paulo: Vetor, 2004.

ANZIEU, D. *Os Métodos Projetivos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Secretaria de Estado de Administração. *Editais N° 001/2007*, de 25 de outubro de 2007, p.10 – Corpo de Bombeiros e Polícia Militar do Amapá. Disponível em <[http://www.concursosolucao.com.br/editais/Corpo\\_Bombeiros\\_Pol%EDcia\\_Militar\\_400\\_A\\_P.pdf](http://www.concursosolucao.com.br/editais/Corpo_Bombeiros_Pol%EDcia_Militar_400_A_P.pdf)>. Acesso em 23 jun. 2008.

BALLONE, G. J. *Transtornos da Linhagem Sociopática*. In: Psiqweb Psiquiatria Geral, 2005. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 25 ago. 2007.

CIMBLERIS, M. P.; LEITE, M. G. M. *Rorschach Interpretação do Teste*. Belo Horizonte: FHC/FUMEC, 2000.

FREUD, S. (1932[1933]) “*Por que a guerra?*” In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 12, p. 237-259.

INSTITUTO DA INTELIGÊNCIA. Membro da Cognitive Science Society, do College of Psychic Studies e da International Psychoanalysis Society. Porto, Portugal. 1999. Apresenta

textos sobre *Crianças e Mentessobredotadas*. Disponível em: <<http://www.mentessobredotadas.blogspot.com>. Acesso em: 12 nov.2006.

LAPLANCH, J. & PONTALIS J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACHADO, F. R. *Manual do Policial Militar*. Pará: IOE, 1992.

MINAS GERAIS (Estado). *Decreto Lei nº 43.756/04*, de 2 de março de 2004. Dispõe sobre o Regulamento de Promoções de Praças das Instituições Militares do Estado de Minas Gerais. Imprensa Oficial do Estado, 2004.

OLIVEIRA, M. L. *Encontro com o Ser: um olhar fenomenológico sobre a reconstrução do universo existencial de jovens que tentaram suicídio*. Goiânia, 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=246](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=246)>. Acesso em 20 mai. 2009

PARÁ (Estado). *Lei nº 6.721* de 26 de janeiro de 2005. Dispõe sobre o Estatuto dos Policiais Militares da Polícia Militar do Pará. Imprensa Oficial do Estado, 2005.

PARÁ (Estado). *Lei Complementar nº 053* de 07 de fevereiro de 2006. Lei de Organização Básica da Polícia Militar do Pará. Imprensa Oficial do Estado, 2006.

PARÁ (Estado). *Lei nº 4.956*, de 21 de setembro de 1987. Lei que dispõe sobre as promoções de oficiais da Polícia Militar do Pará e dá outras providências. Imprensa Oficial do Estado, 1987.

PASIAN, S. R. *O Psicodiagnóstico de Rorschach em Adultos: atlas, normas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PASSALACQUA, A. M.; GRAVENHORST, M. C. *Os Fenômenos Especiais no Rorschach*. Trad. Erwin André Leibl. São Paulo: Vetor, 2005.

PELLINI, M. C. B. M. *Porte de arma de fogo: uma contribuição da prova de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

- PEREIRA, A. M. T. *Introdução ao Método de Rorschach*. São Paulo: EPU, 1987.
- RORSCHACH, H. *Psicodiagnóstico*. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- SANTINELLI F. E. “*Polícia Militar e a falência da Segurança Pública. A relação causa e efeito da violência social. Do abuso de autoridade à tortura*”. Out. 2006. Disponível em: <<http://www.lexeditora.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2006.
- SCHACHTEL, E. G. *Experiential Foundations of Rorschach's Test*. New York: Basic Books, 1967.
- SCHWARZ, L. R. *Introdução ao estudo do método de Rorschach*. São Paulo: Vetor, 2002.
- SILVA, M. A. D.; DE MARCHI, R. *Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho*. São Paulo: Best Seller, 1997.
- SILVA, M. D. V. *Rorschach: Uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1987.
- SILVEIRA, A. *Prova de Rorschach: elaboração do psicograma*. São Paulo: Brasileira, 1985.
- TRAUNBERG, N. R. *A Prática do Rorschach*. Trad. Álvaro José Lelé. São Paulo: Vetor, 1998.
- TZU, S. *A Arte da Guerra*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1994.
- VAN KOLCK, O. L. *Interpretação Psicológica de Desenhos*. 2. ed. rev. São Paulo: Pioneira, 1981.
- VAZ, C. E. *Z-Teste Técnica de Zulliger: forma coletiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O Rorschach Teoria e Desempenho*. 2. ed. rev. São Paulo: Manole Ltda., 1986.



VILLEMOR-AMARAL, A. E. *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Centro Editor de testes e Pesquisas em Psicologia, 2005.

WINNICOTT, D. W. (1939) "*Agressão e suas Raízes*". In: *Privação e Delinquência*. Trad. A. Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

# **ANEXOS**

## ANEXO A – TABELA DE RESULTADOS QUANTITATIVOS

Variáveis Investigadas	Resultados esperados	Suj 1	Suj 2	Suj 3	Suj 4	Suj 5	Suj 6	Suj 7	Suj 8	Suj 9	Suj 10	Resposta Ausente	Abaixo da média	Média	Acima da média
Tr	10" a 20"	55"	1'55"	20"	41"	8"	25"	37"	11"	5"	7"	-	30%	20%	50%
Tr Acrom X Tr Crom	Acrom ≈ Crom	Ac > Cr	Ac > Cr	≈	Ac > Cr	≈	Cr > Ac	≈	≈	≈	≈	-	-	60%	-
R	15 a 30	14	17	35	51	52	15	32	13	49	79	-	20%	20%	60%
G	20% a 30%	35%	17%	17%	7%	13%	40%	12%	53%	24%	10%	-	60%	10%	30%
D	40% a 55%	50%	35%	68%	51%	61%	53%	59%	46%	55%	29%	-	20%	50%	30%
Dd	10% a 15%	-	35%	14%	37%	17%	-	21%	-	10%	53%	30%	-	20%	50%
Dbl	Até 3*	-	3	-	2	4	1	2	-	6	13	30%	-	50%	20%
F	± 50%	92%	94%	97%	100%	94%	93%	78%	92%	70%	70%	-	-	-	100%
F+	≥ 80%	84%	80%	73%	82%	75%	92%	87%	88%	83%	80%	-	20%	80%	-
FC, C e CF	FC > C + CF	1 > 0	-	1 > 0	-	5 > 0	-	3 > 1	1 > 0	1 = 1	2 = 2	30%	-	50%	-
K	3 a 4 K	3	-	1	-	3	3	1	1	4	4	20%	30%	50%	-
kob	1 a 2	-	2	-	-	1	-	1	2	-	1	50%	-	50%	-
H + Hd	15% a 25%	35%	23%	25%	25%	15%	26%	9%	23%	14%	19%	-	20%	70%	10%
A	30% a 40%	50%	35%	48%	45%	51%	53%	65%	46%	46%	49%	-	-	10%	90%
V ou B	Mínimo 5	5	5	6	6	5	5	5	5	9	6	-	-	100%	-
Interesse de cont.	Acima de 8	6	8	11	11	10	5	10	6	10	14	-	30%	70%	-
G/K	2:1	6:3	3:0	6:1	4:0	7:3	6:3	4:1	7:1	12:4	8:4	-	-	40%	60%
H / Hd	H > Hd	3 > 2	2 > 1	7 > 2	3 < 6	4 > 2	3 > 0	1 = 1	2 > 0	5 > 2	4 < 5	-	-	70%	-
K, Kan, Kob e Kp	K > Kan + Kob + Kp	3 < 5	0 < 3	1 < 7	0 < 6	3 < 14	3 > 1	1 < 6	1 < 4	5 < 8	4 < 14	-	-	10%	-
FE, E e EF	FE > E + EF (E=0)	1 > 0	1 > 0	-	-	-	1 > 0	2 > 0	3 > 0	2 > 0	2 > 0	30%	-	70%	-
(Hd+Anat+Sex+Sang)	Até 12%	21%	5%	31%	21%	7%	6%	9%	-	4%	8%	10%	-	60%	30%
$\frac{R(II + III)}{R(VIII + IX + X)}$	0,29 a 0,39	0,6	1,5	0,61	1	0,55	0,6	0,38	0,4	0,56	0,38	-	-	20%	80%

\*considerando um protocolo de 15 a 30 respostas

